



*A chave pode estar em suas mãos...*

*Denise Barros*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer formas ou meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer outro tipo de arquivamento de informações, sem autorização por escrito do autor.

Denise Barros

O Castelo  
de Brienstad

3ª edição

2019  
São Paulo - SP  
Editora Sucesso

Coordenação editorial  
*Denise Barros*

Revisão  
*Catherine M Q de Barros Hora*

Projeto gráfico e Diagramação eletrônica  
*Celeiro de Escritores*

Capa  
*Claus Ritter*

Impressão digital e acabamento  
*Renovagraf*

[www.celeirodeescritores.org](http://www.celeirodeescritores.org)

B222c BARROS, Denise Maria Quintas de  
O Castelo de Brienstad / Denise Maria Quintas de Barros -  
São Paulo, SP : Editora Sucesso, 2011.  
144 p. ; 21 cm.  
ISBN 978-85-89091-52-7

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Barros, Denise  
Maria Quintas de. II. Título.

CDU 82-31



relógio da antiga torre do castelo marcava uma hora, o dia estava nublado, poucos pássaros arriscavam esvoaçar naquele céu úmido e escuro. A centenária habitação erguida com blocos de pedras era imponente, ao mesmo tempo sombria. O cenário desafiava as modernas construções ao derredor, mas oferecia charme e singular beleza ao bairro.

Em minha agenda havia anotado o nome do primeiro proprietário, Heimdall Brienstad, um barão de origem norueguesa, responsável pela construção do castelo em 1.512. O imóvel está desabitado há cinco séculos, e tornou-se uma propriedade pública. O castelo de Brienstad está incluído no projeto turístico/cultural da cidade. Há alguns anos já é utilizado como Galeria de Arte e será em breve um Centro de Convenções.

Aproximei-me da entrada principal e toquei a sineta anunciando minha chegada. Nenhuma resposta. Talvez o administrador estivesse em outro local. — Vou entrar — pensei tocando o puxador da imensa porta. Empurrei-a com cuidado. Ela se abriu.

Um majestoso saguão medieval recebeu-me. Era luxuosamente mobiliado, com poltronas e cadeiras forradas em cetim dourado, que dividiam o espaço com as obras de arte, expostas em cavaletes. Longas cortinas de renda e seda mantinham o ambiente na penumbra, da abóbada um imenso lustre/castiçal pendia magnificante. Olhei ao redor, três belíssimas portas chamaram minha atenção. Possuíam imagens esculpidas na própria madeira, cintilavam. Aproximei-me de uma delas para admirar o trabalho. Era outra obra de arte, as bordas dos relevos eram douradas. — Ouro? — pensei. As três portas estavam fechadas, não ousei abri-las. Escolhi uma cadeira, sentei e esperei alguém aparecer.

Admirando aquele local ermo de beleza nostálgica, divaguei... Imaginei quais histórias as paredes daquele castelo encerravam... Príncipes, dragões, tesouros... E absorta nessas fantasias, não ouvi um chamado.

— Hei garota... Sei o que está pensando...

E a voz rouca rumorejou novamente.

— Posso adivinhar seus pensamentos...

Não havia pessoas no salão.

— Quem é você? Onde está? Fale mais alto...

— Eu é que lhe pergunto: Quem é você e o que faz aqui? — a voz foi enfática.

— Bem... Sou uma jornalista, estou aguardando meus colegas — respondi receosa, levantando-me para a apresentação.

— Que colegas?

— Apareça, por favor — balbuciei. Minhas pernas começaram a tremer.

— Estou à sua volta...

— Como? Eu não estou vendo ninguém... — disse desconfiada, observando em torno.

— Oh! Como não? Olhe para frente, para os lados, para trás... Estou bem aqui, estática, ao seu redor.

— Pare com essa brincadeira — pedi dando alguns passos na direção da porta principal.

— Não estou brincando, garota. Responda-me: quem são as pessoas que está esperando?

— Se você não aparecer, não responderei a nenhuma pergunta — concluí preparando-me para deixar o local.

— Você já ouviu dizer que as paredes têm ouvidos? Além de ouvidos, elas enxergam, sentem e falam também.

— E o que você quer dizer com isso? — perguntei, interessada naquela estranha afirmativa.

— Não imagina? Já lhe dei a resposta.

— Claro, é uma boa charada, quer me dizer que você é uma parede? — deduzi, questionando-a.

— Sim, sou uma parede, cara jovem, e você é bem espertinha para sua idade! — ela exclamou gargalhando.

— Além de parede, você é irônica também? — inquiri disfarçando o medo.

— Não leve a mal meu senso de humor... Há uns dez anos não converso com humanos, tenho falado somente com as paredes... — concluiu em tom melancólico.

Meus lábios tremiam, sentia um frio na barriga. Intrigada, continuei. — Se pode adivinhar diga-me: o que é que eu estava pensando?

— Curiosa! Você é muito curiosa, quer saber dos

meus segredos — sussurrou a parede. Contudo, suas palavras roucas ressoaram por todos os cantos.

— É verdade — confirmei. — Este Castelo existe há séculos e certamente tem muitas histórias interessantes, exóticas e até fantásticas.

Eu estava apreensiva, ao mesmo tempo eufórica, com aquele momento inusitado, incrível! Uma parede falando, aliás, conversando comigo.

— Temos sim, minhas irmãs e eu. Histórias de amor, traição, alegria, tristeza e até terror — disse a anfitriã/parede, convicta de seu valioso tesouro.

— Devagar... Já estou devidamente assustada — repliquei enquanto abanava o rosto com as mãos.

— Não se preocupe, agora são só lembranças, todos os humanos já se foram, restaram alguns espíritos, mas são inofensivos — a parede falou, calmamente.

Sentia meu rosto rubro, fervendo, e tentava disfarçar meu estado. Apavorada, mas muito interessada e animada com o que eu vivenciava ali, e não me contive.

— Conte-me suas histórias. Quero saber tudo, parede! Sou muito curiosa, mesmo!

— Acalme-se jovem, relaxe... Vou lhe contar tudo. Aqui você está em sua casa. Então, primeiro vá até a cozinha, prepare um chá e pegue a lata de biscoitos, pois nossa conversa será bem longa... — disse a parede.

— Onde fica?

— A porta do meio dá acesso a um átrio, de onde saem os corredores e onde está a entrada da copa que leva até a cozinha. Vá! Não há nada a temer.

Seguindo a orientação daquela voz, me dirigi à porta indicada.



Antes de abri-la admirei a imagem esculpida na madeira — um garanhão de longa crina cor de ouro passando em uma colina. Entrei cuidadosamente, passei pela copa e fui até a cozinha; meus passos dispersaram uns ratinhos que brincavam por ali, ainda pude vê-los fugindo. Sobre um enorme fogão a lenha havia uma vela solitária iluminando o ambiente, uma chaleira emanando vapor e ao lado uma caneca; em cima da mesa uma bandeja com a lata de biscoitos. O aroma de hortelã aguçou meu paladar, o chá estava pronto, me servi. Coloquei a caneca na bandeja ao lado da lata de biscoitos e levei-a comigo para o saguão.

— Você sabia que eu viria? — perguntei à parede enquanto colocava a bandeja sobre uma pequena mesa ao lado da poltrona.

— Sim, estava escrito. Sente-se, tome o chá e prove os biscoitos, são a especialidade deste Castelo.

Abri a lata, peguei um deles e comi. — Levemente adocicado, bem gostoso! Quem os fez?

— Saboreie-os e não faça perguntas, garota — respondeu a parede.

Fiz a pequena refeição em silêncio. Sentia-me um tanto esquisita, assombrada e não conseguia pensar com clareza sobre a fantástica situação que eu experimentava ali. No entanto, como jornalista recém-formada, um de meus propósitos era conseguir matérias interessantes, e aquele encontro inesperado revelou-me um horizonte valioso, em fatos e informações sobre a vida e os habitantes daquele lugar. Resolvi ficar.

# 2



Quando fechava a lata de biscoitos a anfitriã/  
parede me fez um convite.  
— Vamos para um outro cômodo?  
— Aonde? — questionei-a sem esconder minha  
desconfiança.  
— Confie em mim, siga o perfume, venha!  
— Perfume? Não sinto cheiro algum.  
A parede me ignorou, então aguardei, quieta.

De repente, um sutil aroma de flores invadiu o sa-  
guão e fui guiada pelo olfato até as três portas. Dirigi-me  
a da esquerda, nela havia uma águia esculpida. Entrei.

Majestosa! Era uma sala de banquete ou salão de  
festas. Os lustres e arandelas de cristal refletiam os raios  
de sol que adentravam o ambiente através das frestas

das cortinas. A mesa ao centro era infinita. Sobre ela, candelabros de metal sustentavam velas queimadas e amareladas, a cera derretida adornava-os de modo pitoresco. Cadeiras imponentes de altos espaldares dourados, estofadas em veludo vermelho rodeavam a mesa. Um imenso tapete azul marinho estampado com arabescos florais cobria o chão completando o cenário.

— Quantas ceias e festas teriam aqui ocorrido? — pensei enquanto admirava o local.

— Acomode-se à cabeceira da mesa, vou lhe contar um episódio ocorrido neste salão — anunciou a anfitriã.

Sentei e me deparei com um belo quadro na parede contrária, perguntei.

— Quem é o casal retratado naquela tela? — Não consegui conter a curiosidade.

— Você saberá... Aguarde — respondeu a parede fazendo-se tremer. O quadro balançou.

E ela continuou.

— Este castelo foi erguido no século XVI, a mando do barão Heimdall de Brienstad, casado com a baronesa Gerda. Também foram construídas várias casas ao redor da propriedade para alojar as famílias dos empregados que trabalhavam para o barão, nas plantações, na criação de cavalos, carneiros e no próprio castelo, nos serviços domésticos. Era uma pequena comunidade, que compartilhava da capela, do bosque e dos belos jardins.

— Sim, mas o que aconteceu nesta sala? — interpelei, ansiosa.

A parede me ignorou.

— O casal possuía três filhas. Certa ocasião, no

aniversário de 12 anos da filha mais velha, Sophia, o barão de Brienstad ofereceu um almoço à nobreza da região, a fim de comemorar a data natalícia e também conhecer jovens nobres herdeiros, para então providenciar o contrato matrimonial da filha. Sophia não sabia das intenções do pai, e resolveu convidar seus amiguinhos.

Nesse momento da narração, uma nuvem encobriu o sol e a sala escureceu. Assustada, fiz um movimento brusco com meu braço e bati num cálice que estava sobre uma antiga e delicada toalha de renda que cobria a mesa. Dele entornou um líquido viscoso e vermelho que molhou tudo. Tentei limpar o local com a mão mesmo, já que meu lenço estava na bolsa que ficara no outro cômodo, quando percebi...

— Sangue! Isso é sangue — gritei.

— Sim, é o sangue da paixão que nunca estancou — disse a parede, impassível.

— Mas de quem é esse sangue? — clamei.

A parede não me deu a mínima atenção e continuou a narrativa como se nada tivesse acontecido.

— No dia da festa, pela manhã, enquanto a mãe, Gerda, estava entretida na cozinha com os preparativos do banquete, Sophia foi ao bosque buscar seus convidados, crianças da região e alguns filhos dos empregados. Eles estavam ansiosos para entrar e almoçar no castelo, usavam suas melhores roupas e alguns levavam presentes: flores do campo, doces caseiros e frutas. A aniversariante deixou-os aguardando o horário do almoço no jardim e foi para seu quarto se arrumar. Uma a uma, as carruagens trazendo os convidados foram chegando.

Ao badalar dos sinos os amiguinhos de Sophia se misturaram às pessoas, entraram e sentaram-se à mesa. A família anfitriã foi a última a entrar no salão, e Sir Heimdall saudou a todos fazendo o costumeiro discurso. Homenageou Sophia pela data natalícia e falou de sua intenção — escolher o futuro marido da filha naquela ocasião. Os nobres manifestaram seu contentamento, pois a família do barão possuía muitas posses e influência na corte. E o banquete — assados de peixes, carnes, batatas, pães e saladas — foi servido para a alegria dos convidados, que se fartaram à vontade. Enquanto todos saboreavam as deliciosas sobremesas, Sir Heimdall caminhou entre os convidados observando atentamente cada garoto. Parou ao lado de um, observou-o: cabelos negros, belos traços e olhos azuis — fora o escolhido. O barão cumprimentou o jovem que imediatamente levantou-se, fez reverência, se apresentou — Nandor — e entregou ao anfitrião uma cesta com maçãs. Sir Heimdall recebeu-a, um pouco desconcertado devido à simplicidade do presente, mas cordialmente agradeceu e convidou o jovem eleito e sua família para um novo encontro, quando acertariam os detalhes do acordo matrimonial. Nandor respondeu-lhe baixando a cabeça afirmativamente. As intenções do pai foram surpresa para Sophia, mas ela estava muito alegre com sua festa de aniversário e não deu atenção ao fato.

Impaciente, interrompi a narrativa e questionei.

— Sim, mas o que tem a ver esse sangue com a festa, o banquete?

— Você é muito ansiosa, tenha mais calma, o episódio não é tão longo e o desfecho a surpreenderá... — a parede me respondeu com serenidade.

E prosseguiu o relato.

— No sábado seguinte, dia marcado para o encontro com a família de Nandor, a baronesa Gerda preparou deliciosos biscoitos e as empregadas decoraram a sala para receber a ilustre família. Vasos com flores silvestres alegravam e enfeitavam o ambiente. Sobre a mesa, talheres de prata, louça finamente decorada com filetes em ouro e guardanapos bordados com as iniciais dos nobres anfitriões. Sophia parecia uma princesa, trajava um vestido rosa ornado com rendas, e um laço de cetim branco prendia seus longos cachos dourados. Na hora marcada, o barão de Brienstad, a esposa e as filhas foram para o salão aguardar a chegada dos convidados. Logo a porta principal foi aberta, Nandor e sua família entraram. De repente, um grito de pavor ecoou pelo castelo, outros gritos se seguiram... Somente Sophia permaneceu calada. Sir Brienstad desesperado bradava: "O que é isso? Quem são vocês?" O jovem Nandor, timidamente, se aproximou e apresentou-os: "Esta é minha família!" O barão não podia acreditar no que via, seus olhos lhe pregavam uma peça. Não era real, ficou estarecido, assombrado. As filhas menores saíram correndo da sala, Gerda amparou-se na mesa para não cair e Sophia continuou calada e sorrindo.

— Estou ficando assustada — interferi, gaguejando.

Novamente, a parede ignorou meu apelo.

— Nandor sem entender o motivo do desespero, ingenuamente, disse ao barão: "Minha família e eu estamos muito honrados por nos receber em seu castelo." E ofereceu-lhe uma grande cesta, com maçãs, avelãs,

nozes e flores. Sir Heimdall continuou estático, mas a esposa Gerda aproximou-se, recebeu o presente e os convidou para o chá — pai, mãe, seis irmãos e Nandor. Todos se sentaram, foram servidos, saborearam os quitutes e ninguém ousou pronunciar uma só palavra. O silêncio foi interrompido por Sophia pedindo ao pai que tratasse do assunto, motivo do encontro. Sir Heimdall estava pasmo, transtornado, e balbuciou alguma coisa, que o pai de Nandor entendeu e respondeu: “Nossa aparência o preocupa, posso entender, mas somos nobres também, e o casamento de nossos filhos unirá e perpetuará nossas linhagens.” O anfitrião olhou-o fixamente e disse: “Não, eu não posso permitir.” O clima ficou tenso com a negativa, as famílias se entreolharam desconfiadas, e os dois jovens nubentes tentaram argumentar, anunciando a todos que estavam enamorados. Nessa hora o barão descontrolou-se, e num ato de desespero esmurrou a mesa. Algumas velas tombaram de um candelabro e o fogo se espalhou pela longa toalha de renda. O pai de Nandor, subitamente, pulou sobre a mesa — sua pequena estatura dava-lhe agilidade — e com as chaleiras, rapidamente, apagou as chamas.

— Pequena estatura? Anões? — perguntei.

— Elfos pigmeus, exóticos habitantes das florestas nórdicas, têm orelhas pontiagudas e corpos atarracados. São seres imortais, divindades da natureza, que têm poderes mágicos. Nandor não possuía as características de sua família, era um elfo real, alto e belo, por isso fora confundido com um humano. — A parede suspirou. — Bem... A reunião familiar estava arruinada e terminou

quando o barão de Brienstad, muito nervoso e alterado, expulsou a família do castelo, sem imaginar que eles viviam no bosque de sua propriedade. Sophia chorava e implorava a compreensão do pai, enquanto Nandor tentando acalmar os seus, acompanhava-os de volta à floresta. Uma bela e mágica história de amor que mal havia começado, estava fadada ao fracasso.

— Oh! Pobre casal enamorado... Tão jovens e já sofrendo a discriminação social, racial ou o que valha — murmurei revoltada.

— Sim, mas esse triste episódio, ainda não terminou. O elfo, pai de Nandor estava furioso e esbravejava: “Um simples mortal não pode desdenhar e maltratar minha estirpe, ele ofendeu as divindades da natureza.” A família tentou, mas não conseguiu aplacar sua ira. O elfo revoltado decidiu pedir o auxílio de Loki, um misto de gigante e deus, criativo e hábil para resolver questões, porém, traiçoeiro. O pai de Nandor pretendia se vingar de Sir Heimdall, mas, ao mesmo tempo, desejava ver seu filho feliz e junto da amada Sophia. Ao encontrar Loki, o elfo entregou-lhe a tarefa — vingança —, que foi prontamente aceita e executada pelo deus-gigante. Na manhã seguinte com os primeiros raios de sol, Loki transformou-se em um pônei e permaneceu próximo ao castelo, passando e aguardando Sophia, que tinha a rotina de colher flores pela manhã. Quando a menina apareceu, o pônei se aproximou mansamente. Ela não se incomodou e ele a seguiu até o canteiro, manteve-se perto enquanto ela colhia alguns lírios e urzes. Para chamar a atenção da jovem, Loki disfarçado empurrava a cesta com a cabeça.



Sophia se deixou seduzir pelo amigável pônei, afagou sua dourada crina e lhe ofereceu grama fresca. O doce, porém, astuto animal foi lentamente se afastando, indo na direção do bosque. A jovem, já encantada, largou a cesta no jardim e o seguiu. No seio da floresta Nandor cuidava de seus afazeres quando avistou o pônei e Sophia. Feliz ao ver a amada, ele foi ao encontro deles. O “doce animal” também o seduziu. Os três seguiram juntos. Nandor e Sophia nunca mais retornaram.

— Viveram felizes e juntos para sempre em algum outro lugar? — ansiosa, perguntei.

— Felizes, eu não sei, mas juntos, com certeza! Vê o quadro na parede? É o jovem casal apaixonado, que Loki uniu. A vingança foi realizada e paga com as vidas de Nandor e Sophia. O deus-gigante atende aos pedidos, no entanto, cobra muito caro por isso.

— Conte-me, de quem era o sangue no cálice? — Eu estava curiosa, impaciente.

A parede suspirou.

— Bem... Após o desaparecimento de Sophia, houve muito tumulto e tristeza no castelo. Foi um longo tempo de procura. Até que no ano seguinte, no dia do aniversário de 13 anos da jovem, o jardineiro encontrou no canteiro de flores um ataúde. E dentro dele havia um belo quadro com a imagem do casal. Houve uma comoção geral, todos entenderam que Sophia havia partido para sempre. O barão de Brienstad colocou a tela naquela parede, ela está ali há cinco séculos e todos os anos na época do aniversário da jovem, verte sangue — o sangue da paixão que nunca estancou.

Lágrimas rolaram dos meus olhos, não consegui conter a emoção.

— Que história trágica... Imaginei que Nandor e Sophia teriam um final feliz... — comentei enquanto enxugava o rosto.

— Final feliz... Depende do ponto de vista, cara jornalista, pois o que é felicidade para uns, pode ser tristeza para outros e vice-versa. Acalme-se e conforme-se — a parede disse com ternura e revelou. — Ainda temos muitas histórias para lhe contar.

# 3



— Ouvei o toque do meu telefone móvel, voltei para o saguão, onde estava minha bolsa, e o atendi.

— Hei, Lorin, onde você está? Já fiz diversas chamadas, você não atende. Estamos lhe esperando há mais de uma hora — disse Alex, num tom irritado.

— Já estou no castelo.

— O quê? No castelo? Mas você fez questão de marcar nosso encontro, para que chegássemos juntos... Houve algum problema?

— Perdoe-me Alex, nem sei como vim parar aqui sozinha — expliquei timidamente.

— E agora, o que faremos? Não tenho o endereço — Alex questionou impaciente. — Preciso estar no jornal às seis horas, não posso mais encontrá-la hoje.

Fiquei envergonhada por ter esquecido os meus companheiros, mas eu mesma não conseguia explicar o ocorrido.

— Milla e Fred estão comigo, mas eles também têm compromissos. Lorin, você deve agendar uma outra data, sem faltas ou desencontros, ok?

— Desculpe o transtorno, Alex, marcarei um novo dia e lhe avisarei. Até mais...

— Até breve, Lorin. — Ele desligou.

Alex, Milla, Fred e eu estamos preparando um roteiro turístico/cultural sobre os castelos de nossa região. Alex fechou um contrato com a editora Nords, que fará o lançamento desse catálogo em parceria com a prefeitura local. Fred cuida das fotos e ilustrações, Milla é a redatora, Alex o editor e eu pesquisei os locais agendando as visitas. Temos três meses para entregar o material pronto para ser publicado. Nós nos conhecemos estudando jornalismo na mesma faculdade. Após alguns trabalhos em grupo, descobrimos afinidades profissionais, formamos um quarteto e trabalhamos juntos desde então.

Fiquei aborrecida, havia falhado com meus colegas, o que nunca ocorrera antes, não havia justificativa... Enfim... já estava feito, guardei o telefone e retornei para o salão de festas.

— Voltei, parede, podemos continuar nossa conversa? — Não obtive resposta, insisti. — Parede, você está me ouvindo?

Ela não me respondeu.

O sol poente não iluminava, o ambiente escurecera e um calafrio percorreu meu corpo. O castelo, construído com pedras, era um lugar gelado e úmido, nada

aconchegante. O silêncio era aterrador.. Fiquei indecisa sobre o que fazer — ficar ou ir embora? — A parede continuava muda. Voltei ao saguão de entrada, comi o último biscoito, vesti o casaco e resolvi ficar mais tempo. Sou curiosa. Aquelas três belas portas me atraíam, escolhi a do meio, abri e entrei. No pequeno átrio, deixei que minha intuição indicasse o caminho. Segui pelo corredor à direita iniciando minha expedição solitária. A passagem era longa e sombria, uma passadeira vermelha abafava o som dos meus passos. As portas que encontrei pelo caminho estavam fechadas, continuei andando...

— Você está no rumo certo, no final do corredor encontrará uma escada, suba!

— Que bom ouvir sua voz novamente! Imaginei que não falaria mais comigo — confessei-lhe.

— Somos muitas irmãs e cada uma de nós tem seus próprios afazeres — a parede explicou.

— Ah! Não sabia, pensei que... Aliás, não pensei nada. Nunca falei com paredes.

— A escada está logo ali — ela disse friamente.

— Parede, o que há lá em cima?

— Você logo saberá. E não se apavore com o que encontrar pela frente, continue caminhando, não pare! Entendeu?

— Ah, parede, você sabe muito bem como assustar uma pessoa. Minhas pernas já começaram a tremer.

A escada em curva não me permitia ver seu final, mas havia luz, fiquei apreensiva. — O que será que tem lá em cima? — pensei.

Subi, pé ante pé, cuidadosamente... Aos poucos

a claridade aumentava e meu olfato indicava que haviam velas acesas. Cheguei ao topo da escada e encontrei um corredor todo iluminado; as arandelas pareciam vivas com suas velas flamejando. Ao contrário do pavimento térreo, agora eu sentia um ambiente acolhedor, caloroso. A sensação era de bem-estar e tranquilidade. Caminhei... Subitamente uma massa acinzentada apareceu na minha frente. — Uma nuvem? AHHHHHH — gritei de pavor.

— Não pare! Não pare! — vociferou a parede.

— Como, não pare, se essa nuvem horrenda não sai da minha frente? — argumentei procurando uma brecha para passar. Que desespero!

— Não dê atenção a ela! Vamos, caminhe rápido! Não permita que ela lhe envolva — a parede insistia.

— Estou tentando, mas ela é resistente. — E eu forçava meu corpo contra aquela nuvem esquisita.

Finalmente, atravessei-a, mas não por valentia, às vezes, a covardia nos faz determinados.

— O que era aquilo? — perguntei e tateei minhas roupas buscando algum vestígio daquela coisa, mas eu estava incólume. Respirei aliviada.

— Um ectoplasma perdido, procurando um corpo para se instalar — a parede respondeu.

— Ectoplasma? O que é isso?

— Bem... Digamos que é um fantasma querendo ser notado — explicou-me a parede em tom didático.

— Ah... Sei... Entendo...

Na verdade eu não entendi nada, mas isso não me importou, meu objetivo era explorar aquele lugar e conhecer suas histórias.

— Está vendo aquela porta à sua direita, é ali que você deve entrar — orientou-me a anfitriã/parede.

Dei mais alguns passos e parei. A porta estava entreaberta, arrisquei uma olhadela — um quarto, possivelmente de menina, pois toda a decoração era em tons de lilás.

— Entre, não tenha medo, não há ninguém — a parede me tranquilizou.

— Sim, e espero que não encontre outras surpresas — respondi entrando no cômodo.

Num dos cantos do quarto, havia uma pequena mesa redonda, com tampo de granito e pés de metal; ao seu redor duas cadeiras do mesmo estilo, com acentos forrados de veludo. Sobre a mesa havia um jarro e numa das cadeiras uma boneca sentada, solitária e envelhecida. Perguntei à parede.

— De quem era este quarto?

— Da pequena Christine, a única neta do barão de Brienstad.

— Conte-me sobre ela — pedi enquanto me aproximava da cama para tocar o delicado dossel rendado que descansava sobre suas quatro colunas.

Colcha e dois travesseiros em cetim lilás, bordados com flores multicoloridas adornavam o leito. — Certamente uma princesa dormira aqui — pensei.

# 4

**E** lendo meus pensamentos, a parede iniciou. — Christine não era princesa, mas foi criada como tal. Cercada de mimos e muito cuidado, ela viveu neste castelo até completar nove anos de idade. Seu pai era militar e quando foi transferido para um outro regimento, levou consigo a esposa Sarah e Christine, respectivamente filha e neta de Sir Heimdall. Mas a história desse casal começou na época que Sarah completou 15 anos. Seu pai lhe presenteou com uma viagem de navio, na qual foi acompanhada da irmã caçula Samara e da governanta Freya. Após o desaparecimento de Sophia, o barão havia redobrado o cuidado com as duas filhas. Era a primeira vez, após seis anos, que as meninas saíam do castelo. Elas se divertiram e amaram a viagem marítima. Visitaram várias ilhas da região e conheceram outros jovens, dentre eles: Bendt, um soldado das tropas do Rei, que fazia treinamento na embarcação. Sarah e o jovem apaixonaram-se à primeira vista. Depois da viagem, com a ajuda da fiel governanta Freya, eles se corresponderam durante dois anos, até que o resistente barão de Brienstad



concordou com a escolha da filha. E após conhecer o jovem militar, marcou a data do matrimônio: na primavera seguinte. — A parede suspirou e prosseguiu.

— Logo chegou o tão esperado dia das Bodas, contudo, uma tempestade se aproximava da região. Sarah estava angustiada, pois, após tantos preparativos ela não queria aceitar que a natureza agisse contra seus anseios para a grande data — um dia ensolarado, de céu azul e uma leve brisa soprando. A capela distava uns 200 metros do castelo e o caminho fora todo forrado com flores silvestres. Os filhos dos empregados o haviam preparado para a passagem de Sarah. As meninas de Sir. Heimdall eram muito queridas pela comunidade, as crianças cresciam juntas como uma grande família. Pelo jardim do castelo foram distribuídas várias mesas, cobertas com longas toalhas brancas e arranjos com flores e frutas. Uma fonte, especialmente construída para o evento, jorrava água pura e fresca; as pipas de vinho estavam acomodadas entre os canteiros de flores. A grande fornalha, atrás do jardim, queimava para receber e assar as carnes que seriam servidas no banquete. Na cozinha os bolos e os tabuleiros de doces perfumavam o ambiente. Tudo estava pronto para a celebração.

— Essa última parte despertou meu apetite, posso ir procurar mais biscoitos na cozinha? — pedi dirigindo-me à porta.

— Sim, vá até lá, mas lembre-se, não pare no caminho! — ela me aconselhou em tom autoritário.

Rapidamente alcancei o pavimento térreo e fui em direção à cozinha. Sobre a mesa havia uma bandeja com

com pão, presunto e uma lata de biscoitos; no fogão, a chaleira exalava um morno aroma de hortelã. Alimentei-me enquanto observava o antigo cômodo — a parede sob a chaminé do fogão era negra de fuligem, as outras mantinham a cor cinza de suas pedras que desenhavam um belo mosaico; louças e panelas de ferro enfeitavam as prateleiras e alguns baús guarneciam o cômodo. Uma pequena arca dourada, no canto de uma bancada, chamou minha atenção. Aproximei-me. Sou muito curiosa e tentei abri-la. Estava trancada.

— Essa arca será aberta na hora oportuna, afaste-se dela — ordenou a parede.

— Perdoe-me, fui levada pelo impulso, mas já estou de saída — respondi enquanto me afastava. Retornei ao quarto de Christine.

No caminho fui abordada pelo tal ectoplasma, mas não me detive, atravessei-o com decisão e rapidamente entrei no cômodo; sentei na cadeira ao lado da boneca.

— Você me falava sobre os preparativos da festa do casamento de Sarah... — iniciei o diálogo com a parede.

— Sim, e a tempestade se aproximava... Freya, a governanta, assim como a família, estava apreensiva e resolveu a seu modo ajudar. Aproveitando que todos estavam entretidos com os afazeres da festa, saiu na calada e foi à procura de Elga, uma velha senhora que vivia solitária numa gruta. Conhecida na região por sua sabedoria, diziam que ela possuía estreitas ligações com os deuses. A trilha era íngreme e rochosa, mas o amor por Sarah dava forças a Freya e ela conseguiu, exausta, chegar ao destino. Na entrada da gruta, ajoelhou-se em frente à

Elga e Ihe pediu que salvasse a celebração afastando o temporal que se avizinhava. A velha maga observou o céu, caminhou ao redor da governanta algumas vezes e foi até uma frondosa árvore, ao lado da gruta. Chegou perto dos galhos e cochichou-lhes algo, as ramas tremeram, algumas folhas caíram como se estivessem Ihe respondendo. Foi até Freya e profetizou: "A tempestade não é o pior acontecimento na vida do jovem casal, mas o que está por vir... Sete luas após o matrimônio, Sarah terá uma filha prematura e ambas morrerão após o parto." Freya não podia acreditar no que acabara de ouvir, se desesperou e implorou a compaixão dos deuses. Ela faria qualquer sacrifício para salvar a vida das duas; e assim, Ihes fez uma proposta. Os deuses aceitaram a oferta e o acordo foi selado por Elga. A governanta despediu-se e tomou o caminho de volta ao castelo, resignada, mas feliz por Sarah, que agora teria o matrimônio sonhado e um futuro feliz. Ao chegar à divisa da propriedade foi surpreendida por um vendaval, acompanhado de trovões e relâmpagos que cortavam o céu. Em instantes, as nuvens negras desapareceram no horizonte dando lugar ao excelso astro rei. No jardim do castelo, os empregados se apressaram para reorganizar a decoração levada pelo vento forte, que aliás, foi um imprevisto muito bem-vindo, pois deixou o céu limpo, azul e o dia ensolarado. Sarah festejou a repentina mudança, os pássaros compartilharam de sua felicidade bailando sobre o jardim.

— E Freya, o que aconteceu com ela? — perguntei interrompendo a narrativa.

— Naquele momento, nada. A governanta voltou

aos seus afazeres, ninguém percebera sua ausência. A baronesa Gerda e Freya vestiram a jovem noiva e lhe adornaram os cabelos, estava pronta e linda para a cerimônia. Na hora marcada, Sarah e suas damas de honra caminharam sobre o tapete de flores em direção à Capela, onde Brendt a aguardava. Foi uma bela e grandiosa comemoração, elogiada e muito comentada na região. Os noivos viajaram para a lua-de-mel e a vida no castelo voltou ao normal. Um mês após o casamento, uma grande notícia — Sarah estava grávida. Todas atenções se voltaram a ela. Samara, a irmã caçula, bordava o enxoval do bebê, Gerda tricotava roupinhas de lã e Freya preparava os quitutes prediletos da futura mamãe. A época do nascimento se aproximava, o barão de Brienstad e Bendt faziam planos para o futuro herdeiro e as mulheres cuidavam do bem estar de Sarah. Em uma manhã fria de outono, a jovem sentiu algumas contrações, dois meses faltavam para completar o tempo da gestação, mas a hora havia chegado, o bebê nasceria prematuramente. Sarah gritou por Freya, que a amparou, abraçou-a carinhosamente e chorou. As contrações aumentaram e a governanta buscou ajuda. No meio da tarde, após um longo sofrimento, Sarah concebeu Christine — bebê muito frágil — que sequer tinha forças para chorar. Mãe e filha estavam fracas e pálidas. A alegria se transformara em aflição. Os empregados do castelo oravam em favor das duas. Gerda angustiada pediu que Bendt procurasse o médico da Corte, enquanto Sir Heimdall se encarregou de trazer o padre. Freya permaneceu ao lado de Sarah durante todo o dia. No momento em que ouviu as seis badaladas do relógio, a governanta tomou a pequena Christine que dormia num berço ao lado e colocou-a nos braços da mãe. Beijou-as

e profetizou: "Sarah e Christine, logo vocês ficarão bem, são e salvas." Levantou-se e saiu do quarto. Na manhã seguinte, Freya não apareceu para fazer a refeição matinal. A cozinheira foi chamá-la. Parecia dormindo, mas já estava morta. Pouco a pouco, a jovem mãe e filha foram se recuperando e gozaram, sempre, de boa saúde.

— Oh! Abnegada Freya, deu a própria vida por elas — exclamei emocionada.

— Sim, sacrificou-se pela felicidade e saúde de Sarah e Christine, no entanto, ainda não descansou...

— O que quer dizer com, ainda não descansou? — inquiri, intrigada.

— A governanta permanece presa dentro deste castelo — explicou a parede.

— Mas não há ninguém vivendo aqui, ou tem...?

— Sim, há, não em corpo físico, mas em espírito. Lembra-se do ectoplasma que encontramos no corredor?

— Sim, aquela nuvem escura que tentava me envolver... — respondi sentindo arrepios de medo.

— É Freya, procurando um corpo para se alojar e viver os anos interrompidos por sua morte prematura. Ela não havia cumprido sua missão quando ofereceu a vida por Sarah e Christine, então vaga desorientada por aqui há séculos.

— Que final melancólico — comentei com a voz embargada, sem disfarçar minha decepção.

— O amor, por vezes, leva o ser humano a atos estranhos, inexplicáveis e a dor é inerente. Amor e dor sempre andam juntos. Nunca entenderemos o motivo dessa parceria.

— Talvez você esteja certa, mas diga-me, a família

soube por qual motivo Freya morreu?

— Não, nunca ela contou seu segredo. Somente nós, paredes, sabíamos do acordo com os deuses, e agora você também. A morte de Freya abalou a todos, principalmente, Sarah. Mas Christine, a pequenina, resgatou a vida e a alegria no castelo. O barão ofereceu à governanta um belo funeral, pois ela era considerada um membro da família. Com o tempo sua ausência foi esquecida e seu lugar foi ocupado pela filha de um dos empregados da propriedade, Nanci de 20 anos. Uma jovem inexperiente, porém, prestativa e carinhosa, o que agradou Gerda e a família.

Nossa conversa foi interrompida por um estrondo. Corri até a janela. Um trator fazia reparos na rua, em frente ao velho castelo.

Já era noite e eu precisava voltar para casa. Pedi à parede que me recebesse no dia seguinte e ela, gentilmente, respondeu que minha presença era bem-vinda, pois ainda havia muito para me contar; então me despedi e saí. Os corredores estavam escuros, corri até o saguão, peguei minha bolsa e deixei o castelo.

**C**eguei em casa exausta e me acomodei no sofá, ao lado de Migucha que, sonolenta, me olhou e bocejou; acariciei seu pelo macio, ela ronronou.

— Deve estar faminta — pensei. Levantei, fui até a cozinha coloquei ração na tigela e depois água fresca na fonte. Ela me seguiu silenciosa, comeu um pouco, bebeu e foi brincar com seus ratinhos de pelúcia.

Minha gata é uma companheira fiel, está sempre ao meu lado, e quando demoro para lhe dar atenção toca meu braço com a patinha e esboça um miado. Migucha lembra uma raposa — cinza, cauda longa e espessa —, parece compartilhar e entender minhas palavras e emoções, com certeza, é um bichano especial.

Tomei um banho, jantei, arrumei alguns papéis na escrivaninha e fui deitar. Apesar de cansada, não conseguia dormir. Um turbilhão de pensamentos não permitia a quietude necessária ao sono. A tarde fora extraordinária naquele castelo — paredes contando histórias fantásticas — que loucura! Se eu contasse aos meus amigos, eles me internariam num hospital psiquiátrico, imediatamente. Eu precisava relaxar, tentei meditar, ainda estava agitada, e não era por acaso, nunca ouvira qualquer notícia sobre uma experiência semelhante. Aliás, me lembrei... A parede falou que “estava escrito”. Não entendi essas palavras, mas eu não queria entender nada, só queria e precisava descansar. E pouco a pouco fui adormecendo, sonhei...

“Eu estava numa embarcação antiga, as velas abertas levavam a nau na imensidão azul. Um horizonte infindo ao redor, tive certeza — estava no meio do oceano — sozinha. A sensação de desamparo e impotência era insólita, um vazio me consumia, estava refém sem, contudo, compreender de quem e por quê. Sobre o convés havia uma grande bússola, com a rosa-dos-ventos, observei, tentei me localizar, porém em vão. Nuvens escuras tomaram o céu, o mar inquietava-se anunciando a tormenta, uma rajada de vento quebrou os mastros, eu corria de um lado para o outro tentando me proteger. Desesperada comecei a gritar. — O que será de mim? Socorro! Socorro! Socorro! — De súbito, uma onda avassaladora surgiu e devorou a nau, fomos tragadas por um redemoinho alucinado. Do fundo do mar eu tentava voltar à superfície... Não conseguia respirar, acordei num sobressalto, que pesadelo horrível!”



Sempre tive um sono tranquilo, sonhos agradáveis, mas a aventura naquele castelo mexera comigo. Eu estava tensa e minha mente confusa, ainda processando tantas novidades.

A campainha tocou, era Milla, colega de trabalho, me convidando para almoçar. Fomos a um restaurante próximo, um lugar aconchegante que servia excelentes refeições.

— Preciso conversar com você, Lorin, me aconselhar, estou vivendo um grande dilema — falou Milla segurando meu braço com força.

— Conte-me, o que lhe aflige, minha amiga — disse incentivando-a.

— Pensei que talvez fosse melhor largar tudo e sumir no mundo.

— Bem... é uma solução, mas resolveria o seu problema? — questionei guiando Milla até uma mesa próxima à janela para sentarmos.

— Não sei, não consigo pensar claramente, não sei o que fazer — disse ela com a voz embargada.

— Acalme-se... Vamos sentar e vou pedir a entrada: batatas, salada e rosbife, o que acha?

— Está bem, e suco de laranja, por favor.

O garçom nos atendeu e enquanto aguardávamos a refeição, continuamos a conversa.

— Fale, desabafe... Isso vai lhe ajudar.

— Peter está me enlouquecendo, descobri a verdade sobre ele. Casei-me com um monstro e somente, agora, após dez anos de vida em comum é que tomei conhecimento de tudo.

— De tudo o quê? Não estou entendendo...

— Lembra-se dos transtornos mentais dele? De

suas crises de ausência? De quando ele sumia na calada da noite ou desaparecia por dias? Na época fiz de tudo para ajudá-lo, ele sempre concordou, fez tratamento, sessões de terapia, internação. Tudo! Tudo!

— Sim, lembro. Isso foi há uns seis anos, você vivia preocupada, angustiada, quase parou os estudos, nós é que não deixamos.

— É verdade, amiga, você, Alex e Fred me carregaram no colo, e não me deixaram desistir. Mas agora é diferente, não depende só de mim, há outros envolvidos.

— Quem, Peter?

— Peter e sua quadrilha — ela respondeu.

— Quadrilha? Mas do que está falando?

— Uma quadrilha, um bando de ladrões.

— Milla, não estou entendendo, que bando é esse? Ladrões? Mas e a doença de Peter? — inquiri intrigada.

— Ele nunca foi doente, Lorin! E jamais teve qualquer transtorno mental, o que ele sempre teve foi desvio de conduta, não tem princípios e valores morais. Peter é um marginal!

— Estou pasma, explique-me essa história em detalhes — pedi, enquanto cortava o rosbife que esfriava no prato.

— A doença foi encenação, uma forma de praticar seus crimes sem levantar minhas suspeitas. Fui, covardemente, enganada e usada.

— E como descobriu toda essa trama?

— Há um mês recebi uma ligação anônima. Contando que Peter lesava mulheres, e me forneceram alguns endereços. Fui investigar e descobri três golpes que ele deu.

— Golpes, como assim? — questionei impaciente.

— Peter escolhia mulheres solitárias e ricas, não importando a idade, aproximava-se, as envolvia e quando elas se apaixonavam, ele sagaz e arditamente, se apropriava dos bens, joias e dinheiro.

— E elas não reagiam? Não o denunciaram à polícia? — O assunto me revoltava e quase perdi a fome.

— Não! Não podiam! Ele desaparecia com elas, de diversas formas. Algumas estão internadas numa Clínica de repouso de propriedade da quadrilha, outras num Asilo também da quadrilha e outras, ainda, saíram do país, talvez estejam mortas.

— Mas que história sórdida! — exclamei indignada. — Quem diria que aquele jovem meigo, tranquilo, educado, fosse um mau caráter, abjeto e da pior espécie?

— Se você, Lorin, está revoltada, imagine como eu me senti quando descobri toda essa trama nojenta e criminoso.

— E o que fará? Vai pedir o divórcio, vai denunciá-lo? — perguntei indignada.

Milla me encarou, seus olhos suplicavam ajuda e sem me responder, continuou seu relato angustiado.

— Pressionei Peter e ele, friamente, me contou tudo sobre a organização e as caçadas. Imagine, caçadas são os golpes, e as mulheres assaltadas — as caças. Ele se referia a elas com escárnio. Ele é um monstro, torpe e calculista, e sua quadrilha adquiriu muito dinheiro com essa prática.

— Entendi, mas você pode entregá-lo à polícia, certo?

— Eu não posso. Ele me ameaça todos os dias, prometendo me entregar à polícia também.

— Você tem medo? Ele é seu marido, só isso.

Você não faz parte da tal organização e pode provar que foi enganada.

— Ah! Lorin... Não é tão simples assim, estou envolvida nesses delitos — confidenciou cabisbaixa.

— Como envolvida? Nos golpes? Esclareça-me — pedi inconformada com o que ouvia.

— Alguns bens que Peter roubou foram colocados em meu nome, são casas e uma fazenda.

— Milla! Que loucura! E você nunca desconfiou de nada?

— Não, nunca. Tenho somente um apartamento, uma pequena conta no banco, nunca me interessei por papéis, Peter sempre cuidou de tudo.

— Que situação difícil, minha amiga. Complicada! Você está numa enrascada perigosa!

— Sim, minha vida está em risco. Peter é capaz de atrocidades, e não será o amor, que ele diz sentir por mim, motivo para me guardar ilesa.

— É verdade, depois de tudo o que ele fez e faz, você só pode esperar o pior. Precisa estar muito atenta.

— Se ele se sentir ameaçado, tenho absoluta certeza que não serei poupada — Milla completou, enxugando as lágrimas.

— Quero ajudá-la, mas nem sei por onde começar. Você pode aguentar mais alguns dias?

— Sim, Lorin, preciso suportar a presença de Peter, até que eu encontre a saída para o meu dilema, essa catástrofe.

— Mantenha a calma, tudo terminará bem — disse apertando suas mãos entre as minhas. — Estou com você, pode contar comigo.

— Obrigada, Lorin. Preciso de sua ajuda!

A comida havia estriado, pedimos ao garçom que esquentasse nossos pratos. Gentilmente ele nos atendeu, e enfim, almoçamos, silenciosas, mas aquela história ecoava em minha mente. Deixamos o restaurante, levei Milla até a sede do Jornal e segui para o castelo. Após ouvir o terrível e triste relato de minha amiga fiquei amargurada, revoltada.

O humano é o único animal com instinto de destruição, ao invés de preservação. Uma racionalidade torpe, que tem inclinação mórbida à maldade e à desgraça. Veja as manchetes dos jornais, notícias ruins — catástrofes, guerras, crimes. Fazem sucesso. E todos nós aprendemos a conviver com isso, no entanto, precisamos rejeitar esse impulso sombrio, nos resguardar e enaltecer o bom, o bem e o belo... Difícil, mas possível.

# 6



Os jardins que rodeavam o velho castelo verdejavam, os brotos nas árvores cintilavam à luz do sol que brilhava distante e, ainda, não dissipava a friagem do inverno. Pequenas e destemidas flores coloriam a grama escassa atraindo as borboletas, a cerca de folhagem encorpava lentamente, enquanto alguns pássaros já preparavam seus ninhos. A primavera se aproximava...

Estacionei o carro, aguardei um pouco tentando localizar algum servidor, não vi ninguém. Desci e fui direto para a entrada. Arrisquei a campainha, mas o local continuava solitário. Entrei.

— Cheguei! — anunciei-me esperando algum sinal da anfitriã/parede.

Nada. Caminhei pelo saguão e fui até as três portas, a do meio estava aberta, ouvi sons... Notas dedilhadas num piano, mas eu não conseguia identificar a direção, o som era baixo. Não entrei, e um bater de asas chamou a minha atenção, olhei para o teto e vi um pequeno pássaro voando em círculos... — Pobrezinho, está procurando uma saída, mas como será que veio parar aqui dentro? — pensei comigo mesma.

De repente, o passarinho voou rasante sobre minha cabeça. Gritei assustada. Outro rasante. — Esse pássaro está querendo me atacar. — Levei as mãos sobre a cabeça tentando me proteger e me abaixei.

O pássaro pousou em um livro que estava numa das cadeiras. Permaneci abaixada e quieta observando-o e ele do outro lado parecia fazer o mesmo.

— Olá, como vai? — cumprimentei-o, como se ele pudesse entender.

A ave bicava o livro me olhando.

— Você está querendo me dizer alguma coisa?

É claro que ela não me respondeu, mas voou em círculos ao redor da cadeira, e pousou novamente sobre o livro. Sua presença era pacífica, então entrei no átrio e escolhi a porta do meio, pois o som do piano vinha dali. Nesse momento o pequeno pássaro voou, passou por mim e entrou num corredor. Fui atrás dele. Planava me observando e parou mais adiante em frente a uma porta, antes da escadaria.

Eu me aproximava. O som do piano aumentava.

— Sim, o pássaro me guiou ao lugar certo.

Cuidadosamente empurrei a pesada porta de madeira, e entrei. Uma sala forrada de estantes recheadas de livros. Eu estava na biblioteca, mas não vi o piano, e caminhei na direção do som. Ele estava ali, ilustre e imponente, numa sala contígua. Quando entrei silenciou.

— Seja bem-vinda, cara jornalista — a parede me cumprimentou.

— Olá, pensei que não conversaríamos hoje.

— Por que diz isso? — ela perguntou.

— Ora, cheguei há algum tempo, e ninguém me recebeu — argumentei, olhando ao redor e admirando o ambiente.

— Você é que não entendeu nosso mensageiro — explicou a anfitriã/parede.

— Ah, o passarinho? Pensei que ele ia me atacar — disse, procurando-o. — Onde está ele? Escondeu-se?

— Partiu, já fez a tarefa — ela respondeu e continuou. — Você precisa ser mais atenta às minúcias, a visão geral pode transmitir uma ideia factícia, cada detalhe é importante.

— Pois é, só me dei conta deles quando vi a biblioteca, o pássaro deu todas as dicas. Serei mais observadora. Obrigada pelo conselho e me desculpe — disse, envergonhada pela distração.

— O velho piano a aguardava também — a parede sussurrou.

— Aposto que sim, pois ouvi seu chamado. O que ele tem para me dizer?

— Para dizer nada, o piano não fala, ele só toca. — A parede riu do gracejo. — Mas ele foi a peça chave de um outro episódio deste castelo. Quer que lhe conte?

— Sim, sou toda ouvidos — respondi sorrindo.

— Gerda, a esposa de Sir Heimdall, pertencia a uma família de musicistas, e estudou piano desde muito jovem. Ela adorava música, tocava todas as tardes após o chá. Desejava que uma de suas filhas se interessasse pelo estudo. A caçula Samara realizou seu sonho, que, entretanto, trouxe-lhe um grande pesadelo.

— Pesadelo? — questionei e lembrei dos meus.



— Sim ou sonho, desvio... Alguns caminhos do destino parecem um desatino à vida, mas com o passar do tempo são finalmente compreendidos.

— Ah! Não entendi... Explique-me direito essa afirmação.

— Seu semblante está enigmático — observou a parede. — Mas vou lhe contar tudo o que aconteceu e responder às suas questões. Acomode-se — ela sugeriu.

Voltei à biblioteca onde uma confortável cadeira próxima ao vitral me aguardava, convidativa.

— Estou pronta para ouvi-la — anunciei enquanto me sentava.

E a parede continuou.

— Samara, a filha caçula, desde pequena demonstrara ter dons artísticos, gostava de imitar o gorjeio dos pássaros, vivia cantarolando e dançando pelos salões e jardins do castelo. Sir Heimdall sentia-se, às vezes, incomodado com o comportamento da garota e pediu à esposa que direcionasse a vocação da filha. Gerda se informou na corte e lhe sugeriram um famoso pianista de origem escocesa que sempre se apresentava nas festas. Edwin, um jovem de 28 anos que além de concertista, era professor, e residia numa cidade próxima. Ele aceitou o convite do barão de Brienstad para ensinar música a Samara. A jovencinha de 12 anos recebeu a notícia emocionada e feliz, pois poderia agora desfrutar do belíssimo piano de sua mãe, sem ser repreendida; e correu por todo o castelo contando a todos a grande novidade. Na semana seguinte o professor Edwin iniciou as aulas, que seriam ministradas todas as quartas-feiras das 14 às 16 horas. O barão de

pessoalmente, recebeu o pianista. Gerda já providenciara uma festiva mesa para o chá. Samara estava radiante de alegria, olhava Edwin com curiosidade e admiração. O professor preferiu iniciar a aula de imediato, queria ter certeza de que a menina possuía dom musical. Os pais assistiram atentos e receberam orgulhosos o sinal afirmativo que Edwin fez com a cabeça ao se certificar que Samara era apta ao aprendizado. E assim, semanalmente, a jovencinha recebia as aulas. Desenvolveu-se rapidamente e em três meses pôde fazer sua primeira audição de piano para a comunidade do castelo — seus pais, funcionários e familiares. Porém, nem tudo corria tão bem...

— O que não corria bem? Ah... parede, você me intriga. Falou sobre um grande pesadelo, conte-me tudo — supliquei.

Ignorando meu apelo continuou.

— O destino, minha cara, causou o infortúnio de Gerda. A matriarca da família se apaixonara pelo jovem Edwin, e ele por ela. Foi um amor correspondido, contudo, impossível e obviamente secreto. Gerda sempre manteve seu comportamento discreto, porém, seus olhos não escondiam o que seu coração sentia, resplandeciam paixão. Os encontros furtivos, mas ardorosos, aconteciam nas tardes de quarta-feira quando Edwin terminava o horário da aula de piano. Ao deixar o castelo ele seguia para o bosque e aguardava Gerda, próximo a um belo e frondoso carvalho, eleito pelo casal — o templo do amor. O tempo foi passando, o amor e sofrimento do casal aumentavam, não podiam planejar uma vida conjunta, aliás, aquela história de amor não teria nenhum futuro.

Interrompi. — O quê? Sem futuro? Mas eles não se amavam perdidamente?

— Amavam-se, sim, mas nem sempre o amor vence as convenções. Gerda era uma baronesa, jamais poderia abdicar de sua família para se unir ao jovem Edwin. E passados alguns meses, o que ela temia aconteceu — engravidou. O sonho de amor transformara-se em pesadelo, e o período da gravidez foi pavoroso. Gerda se enfaixava para esconder o ventre volumoso, sentia-se mal, desmaiava. O barão preocupado com o estado de saúde da esposa, insistia em chamar um médico, ao que ela relutava atribuindo a provável doença aos males da maturidade feminina. E o dia esperado ou temido chegou numa quarta-feira quando o casal se encontrava. Gerda sentiu as contrações, subitamente três elfas saíram do carvalho e ajudaram o parto. Uma garotinha nasceu sob os olhos surpresos e admirados de Edwin, que não sabia da gestação. Pouco tempo depois, Gerda levantou-se e entregou o bebê ao amante dizendo-lhe: “Ela é o fruto do amor, Mildri — doce e encantadora — como foi nossa paixão. Leve-a consigo. Cuide dela por nós.” Edwin amparou-a e chorou. As elfas se aproximaram e cobriram a bebê com uma manta natural, tecida com delicadas raízes. Mildri era alva e pequenina. Gerda, amargurada, voltou para o castelo. Edwin, perplexo, ficou na floresta e adormeceu encostado no carvalho com o bebê nos braços. As elfas velaram pai e filha durante toda a noite. Pela manhã o jovem abandonou Mildri, cuidadosamente, numa cavidade formada pelas raízes da árvore e partiu. Cavalgou disparado, sem olhar para trás. Estava no alto de uma colina, já próximo ao povoado quando um raio certo, vindo da

fúria de Thor — deus do trovão —, matou Edwin instantaneamente. Ele mereceu. Um covarde!

— E o bebê? — interferi aflita e curiosa...

— Mildri ficou sob os cuidados das elfas, que a alimentaram com leite de ovelha e seiva de plantas. Contudo, após 21 dias, a bebê deveria seguir seu destino. Dentro de uma cesta feita de folhas colocaram a garotinha envolta na manta de raízes e uma maçã ao seu lado. Durante a noite, as elfas a deixaram na soleira da porta da cozinha do castelo. Mildri foi encontrada pela manhã, por uma das empregadas.

— Começo a compreender suas palavras, quando comentou que alguns caminhos do destino nos parecem absurdos, cruéis, mas enfim, justificados. — Levantei preparando-me para sair. — Já escureceu, posso voltar amanhã? Preciso saber o que aconteceu com Mildri.

— Sim, minha jovem jornalista, você é sempre bem-vinda, afinal, este castelo também é seu.

— Obrigada, parede, pela companhia e história desta tarde. Até mais.



caminho de volta para casa foi longo. O trânsito estava congestionado. Um antigo carvalho havia tombado sobre a avenida e os bombeiros trabalhavam na remoção. Enquanto aguardava, fiquei observando as casas e os pedestres que passavam apressados, uma garoa fina e gelada decorava aquele anoitecer.

Um casal atravessou a rua — um homem distinto abraçado a uma elegante senhora —, a cena trouxe à tona assuntos pendentes. Milla precisava de minha ajuda. Peguei o telefone, a carga da bateria estava baixa. — Espero que consiga falar ou pelo menos saber se minha amiga está bem — pensei e liguei.

— Alô! quem é?

— Peter. Oi Lorin, como tem passado?

— Vou bem obrigada, onde está Milla? — perguntei tentando disfarçar minha preocupação.

— Está tomando banho, ela chegou há pouco do jornal. Algum problema?

— Não, nada — respondi confusa. — Está bem, ligo outra hora.

— Peço para ela retornar a ligação?

— Não, não precisa, estou parada no trânsito, não sei quanto tempo vou levar para chegar em casa e a bateria do aparelho está no fim.

— Está certo, eu aviso que você ligou, boa noite.

— Boa noite. — O telefone móvel apagou.

Bem, sei ao menos que Milla está bem, ou melhor, não. Não sei se ela estava bem, talvez não estivesse no banho. Peter é um bandido, pode ter mentido. Ela poderia estar amarrada, amordaçada, ferida... — Oh, céus! — Minha preocupação após o telefonema, só aumentou. — Quando chegar em casa vou ligar novamente, e se ela não atender irei até lá — disse comigo.

Eu estava abalada, mas precisava manter a calma, o equilíbrio, senão colocaria a vida de Milla em risco. Respirei fundo, me ajeitei no banco do carro e tentei relaxar. Adormeci.

Despertei com a buzina dos carros atrás de mim, o trânsito já estava liberado. Segui para casa. Migucha, fiel, me esperava, sentada no tapete próximo à porta — por certo preocupada com meu atraso —, peguei-a no colo e fomos para a cozinha. Dei-lhe ração e água fresca. Eu estava faminta também, na geladeira havia queijo e pão, preparei um lanche. Sentei no sofá, liguei a TV e saboreei o modesto jantar como se fosse um banquete.

Os fatos inusitados daquela semana romperam minha rotina, eu havia esquecido de suprir a despensa,

de levar a roupa à lavanderia, o aquecedor precisava de reparos, havia contas para pagar; precisava me reorganizar. Enquanto tentava agendar as tarefas, adormeci no sofá e sonhei. Um sonho ou pesadelo, confuso... Peter corria pelos corredores do castelo, alucinado, dizendo frases desconexas. De repente eu já estava naquele barco, em alto mar, tempestade, trovões e raios... Muitos raios e tão luminosos que ofuscavam e ardiam à visão.

Acordei sobressaltada. Estava suando apesar do frio da madrugada. Tomei um banho e fui para o quarto. Migucha me acompanhou, deitei esperando que o sono me abraçasse novamente... — Esqueci de ligar para Milla! Será que está tudo em ordem com ela? — questionei-me. Uma solução para seu caso era premente; e pensei em algumas alternativas. Analisei... Pensei... — Mesmo sem o aval de minha amiga, vou dividir o problema com Alex e Fred, três cabeças pensam melhor que uma — argumentei comigo. Seria o melhor caminho, tive a certeza.

— Juntos poderemos ajudar Milla e seu drama terá um fim. Peter será desmascarado e entregue à polícia... — Concluí olhando para Migucha, que já dormia. Dormi também.

A primeira providência da manhã foi ligar para eles, convidando-os para um almoço de negócios, um assunto sigiloso e urgente. Meu tom de voz enfático assustou-os, mas o tema era realmente grave. Marcamos o encontro para o meio-dia no local habitual, um restaurante próximo ao jornal. Aproveitei a manhã para colocar em dia as tarefas caseiras. Liguei para Milla. Ela trabalhava em casa redigindo uma matéria. Pela conversa tudo estava normal,

mas Peter não lhe contara sobre meu telefonema. Poupei-a, também omiti minha decisão de envolver Fred e Alex em seu problema.

Na hora marcada fui ter com meus amigos, que me aguardavam ansiosos para tratar do tal assunto sigiloso e urgente. Contei-lhes tudo, conforme Milla me relatara. Ficaram pasmos, perturbados diante do drama de nossa amiga, do estratagema da quadrilha e dos crimes.

— Lorin, o que você tem em mente? — Alex foi direto na questão.

— Pegar Peter! — Fui direta também.

— Somos jornalistas e não policiais, lembra-se? — Fred argumentou com ironia.

— Todo jornalista é um investigador em potencial, meu caro — respondi com um sorriso amarelo. — Temos condições para socorrer Milla, isto é, se quisermos.

— E o que pretende? — perguntou Alex.

— Armar uma arapuca! Exatamente, uma armadilha para apanhar esse abutre do Peter.

— Você já tem algum plano? — Fred indagou.

— Ainda não, por isso os chamei, juntos faremos um excelente trabalho. Tenho certeza.

Fomos interrompidos pelo garçom que trazia as refeições. Enquanto ele nos servia, Fred mudou de assunto e me perguntou.

— Lorin, você já agendou o dia para visitarmos o castelo de Brienstad?

— O castelo? Ah... Não — respondi e continuei.

— Sim! O castelo, ele será o local. — Nesse momento o sonho da noite passada surgiu diante dos meus olhos. Eu havia encontrado a direção do plano.



— O local é Brienstad, sabemos disso — afirmou Fred. — Perguntei sobre a nova data para irmos até lá, preciso fotografá-lo.

— Você não entendeu, Fred. O castelo será a armadilha. O que acham? — perguntei-lhes, entusiasmada.

Os dois se entreolharam pensativos e continuaram comendo. Fui ignorada.

— Respondam-me, podemos preparar um plano tendo o castelo de Brienstad como cenário? — insisti.

Os dois continuaram comendo e com a cabeça responderam afirmativamente.

— Ótimo! Sabia que poderia contar com vocês — conclui. E tratei de almoçar também.

Marcamos um novo encontro para o dia seguinte às 20 horas, em minha casa. Confrontaríamos as ideias, sugestões e definiríamos juntos a estratégia de ação para desmascarar o Peter e salvar nossa amiga. Terminamos a refeição, Fred e Alex voltaram para o trabalho no jornal e eu segui direto para o castelo.



primeiro passo para ajudar Milla a solucionar seu drama já fora dado, agora meu pensamento voltava-se a um outro episódio, o qual aguçava minha curiosidade jornalística — o que teria acontecido com o bebê, Mildri?

Ao chegar no castelo, fui para a biblioteca onde a parede anfitriã, me aguardava.

— Cheguei! — anunciei-me enquanto adentrava a sala e me acomodava na confortável poltrona forrada de veludo vermelho, bem desbotado pelo tempo, mas ainda atraente.

— Você parece tensa, está com algum problema?  
— ela perguntou sem rodeios.

— Pareço? Bem, sim, estou preocupada com uma amiga, mas não quero falar sobre isso, ainda não, talvez em breve.

— Se pudermos ajudar, estamos à sua disposição,

sabe que pode contar conosco.

Agradei o zelo e reivindiquei.

— Fale-me sobre Mildri.

A parede atendeu meu pedido.

— Como já havia lhe dito, o bebê fora encontrado na soleira da porta da cozinha, por uma das cozinheiras, que o levou até a baronesa. Gerda ao vê-la não conteve a emoção e tomou-a nos braços, abraçando-a com ternura. As lágrimas escorriam sobre sua face e gotejavam sobre a garotinha que acordou e resmungou graciosamente. “Você voltou minha doce Mildri, nunca mais eu a abandonarei” — sussurrou aflagando seus loiros e ralos cabelos. Gerda estava radiante e se apressou em apresentá-la ao barão, rogando que aceitasse adotá-la. “Esta criança, meu esposo, é uma bênção dos deuses ao nosso lar” — disse ela. Sir Heimdall concordou. Mildri foi adotada numa celebração íntima, sem alardes. Mas a notícia da adoção se espalhou rapidamente e todos do castelo queriam conhecê-la. As atenções, antes voltadas para a neta Christine e em especial à filha Samara, já com 13 anos de idade, eram agora dadas a Mildri. Fato que gerou um ciúme doentio na adolescente e seu comportamento mudou. A Samara alegre e carinhosa transformara-se numa odiosa figura. Esquivava-se da família, dos amigos e passava horas trancada na biblioteca tocando piano, obstinadamente. Gerda tentou aproximar as filhas, mas tudo foi em vão. Samara ignorava a presença da pequenina, que por sua vez se mostrava fascinada pela irmã. O tempo passou, e a difícil convivência entre as meninas entristecia a baronesa — afinal eram irmãs de sangue por parte de mãe. Com o falecimento de Sir Heimdall...

— O barão de Brienstad morreu? Como? — Surpreendi a parede com minha questão. Ignorando-me ela ratificou e continuou.

— Com o falecimento de Sir Heimdall, o castelo ficou sem comando, pois Gerda não possuía conhecimento ou preparo, tampouco condições emocionais para executar os deveres do marido. Samara assumiu a posição do pai. O temperamento altivo e a gana do poder colaboraram na empreitada, em pouco tempo a jovem dominou a propriedade. Ganhou o respeito de todos sem, contudo, alcançar a admiração esperada. Em contrapartida Mildri, doce e singela, transformara-se na favorita do castelo.

— Parede, pode, por favor, me explicar como o barão de Brienstad morreu? — inquiri impaciente.

— No tempo certo lhe contarei esse episódio. Calma, minha cara, tenha paciência e todas as suas inquietações serão sanadas — ela disse com serenidade.

— É só curiosidade, não chega a me perturbar — corriji, ajeitando-me na poltrona.

— Inquietação, sim — replicou a parede rindo. — Percebeu como seu corpo manifestou-se contrário às suas palavras? Se não houvesse desconforto não se moveria.

— Ah, parede, para uma contadora de histórias, você é muito observadora e sábia.

— Lembre-se que as paredes têm olhos, ouvidos, falam e pressentem também — concluiu.

Rimos juntas.

— Mas continue a história — pedi acomodando-me, novamente.

— Samara subjugava a irmã constantemente, o ciúme destruíra seu ser, ela se tornara uma mulher fria, impassível e amarga. Somente ao piano dedicava o que lhe restara de afeição. Quando Mildri completou 18 anos a baronesa lhe deu um bracelete em ouro cravejado de rubis que pertencera à sua mãe e uma viagem de navio pelos fiordes. No entanto, Samara inconformada com a destinação da joia, que a seu ver deveria ser dela por direito, afinal Mildri era filha adotiva, confiscou-a da aniversariante. Guardou-a num baú, mantendo a chave sob sua custódia e escondida. Mas prometeu à irmã que após seu retorno da viagem poderia tê-lo de volta. O que não aconteceu.

— Samara não devolveu o bracelete?

— Não, pois a jovem não retornou — respondeu a parede secamente.

— Não retornou?

— Não, ninguém soube ao certo o que ocorreu com ela, soube-se somente que o navio sumira numa tempestade em alto mar.

— Que infortúnio! — exclamei levantando. — Será que a rabugenta da Samara teve alguma coisa a ver com isso?

— Teve sim, indiretamente, mas teve. O voraz desejo de se livrar da irmã caçula foi atendido por Ran, uma deusa maligna que vivia no mar. Soubemos que ela arrastou a embarcação para as profundezas do oceano. E assim, Samara se fez soberana no castelo. Gerda não resistiu ao sofrimento, nunca revelou que era a mãe legítima, e amargurada faleceu quinze meses após o desaparecimento de Mildri, sentada numa poltrona do saguão,

perto da porta, onde aguardara diariamente o retorno da filha querida. A pequena arca dourada com a joia permaneceu trancada e esquecida em algum lugar. O tempo passou, Samara doente física e mentalmente foi perdendo o controle dos negócios. Endividada entregou as terras, preservando somente sua morada. Ela não se casou, não teve filhos e viveu 130 anos isolada neste castelo, abandonada por todos. Teve um fim obscuro e triste. Sucumbiu tragicamente. Foi devorada por Fenris, um lobo gigantesco, errante, que atacava humanos nas épocas da aurora boreal. Os ossos de Samara foram encontrados, anos depois e espalhados pelo jardim, por crianças que brincavam no local.

— Desfecho merecido — afirmei sem disfarçar minha satisfação. — Foi bem feito!

— Dizem que o plantio é livre, mas a colheita obrigatória. É certo, no entanto, que alguns fatos fogem à nossa compreensão e jamais serão esclarecidos. E esse é um caso típico. Samara apesar da importância e autoridade conquistadas, não teve uma vida próspera e feliz. Foi amada e muito bem criada pelos pais, mas sabe-se lá o que trazia no íntimo. Nunca se contentou com o que recebera, sempre insatisfeita e desgostosa pela sorte e bem alheios, trilhou um caminho silencioso e sombrio. Não soube construir, o desamor e o ciúme aniquilaram seus sonhos. Seu único companheiro foi o piano.

Nesse instante, me veio à mente a arca que vira na cozinha do castelo e pensei em voz alta. — Então o bracelete está guardado lá. — Ao que imediatamente a parede replicou.

— Sim, e será restituído ao real proprietário, no momento oportuno.

— Esse castelo, possui herdeiros? Que eu saiba ele é posse do governo há séculos.

— Correto, esta propriedade é pública, eu não me referi à questão legal. — E baixando o tom da voz, finalizou secretamente. — Mas à linhagem que aqui viveu.

— Há um mistério aqui, aposto nisso! — exclamei.

— Se não existissem enigmas, a vida seria sem graça. Há que se encontrar as chaves. Sim, é o desafio que gera a motivação que nos faz ir adiante. Como por exemplo neste caso, encontrar a chave daquela arca que contém a joia da família e o pergaminho.

— Pergaminho? — arrisquei a pergunta. Mas meu corpo reclamava um merecido descanso, apesar da curiosidade e da mente alerta com tantas informações. Pedi licença à anfitriã para deixá-la naquele dia, prometendo voltar o mais breve possível.

— Vá em paz e que os bons deuses a acompanhem — a parede se despediu.

Cheguei em casa, Migucha estava no sofá, deitei ao lado e adormeci aconchegada ao seu pelo macio.

# G



a fria e cinzenta manhã do dia seguinte, fui ao castelo, passei pelos jardins e ao redor da imensa e antiga construção. O local estava preservado, porém, algumas marcas do tempo são indeléveis — molduras de madeira das janelas, carcomidas e pálidas. O limo, que crescera entre os blocos de pedra, dava mostras de que sua intenção era agasalhar aquele monumento e suas recordações. O gramado viçoso era entremeado e decorado por singelas flores amarelas, dentes-de-leão. Havia um velho celeiro, na área de trás de onde via-se à sua frente uma porta imponente, embora sem requinte. — Uma entrada de serviço — pensei aproximando-me. Toquei-a. Estava encostada. Adentrei silenciosamente. Era a cozinha.

— Não esperávamos sua visita, hoje — murmurou uma parede.

— Ah! Estava conhecendo o local, e não resisti à porta entreaberta — respondi acanhada.

— Você é sempre bem-vinda, fique à vontade, aliás venha conhecer a sala de estar, o dia está frio e podemos desfrutar da lareira enquanto conversamos.



— Excelente ideia, indique-me o caminho — solicitei atravessando a cozinha indo na direção da copa.

— Siga para o saguão de entrada, a porta da esquerda estará aberta lhe aguardando.

Agradei e fui para lá.

A porta indicada possuía uma antiga nau esculpida com a figura de uma mulher na proa. Certamente uma deusa de proteção, era soberba e espantosa. Não ousei tocá-la, e antes de entrar perguntei. — Quem esculpiu essas portas? É um trabalho de arte esplêndido.

Calmamente, a parede respondeu.

— Um velho senhor, artista, que morava do outro lado do lago da propriedade. Ele era um homem sábio e discreto, tinha estreita ligação com a natureza, e na época da construção deste castelo procurou o barão e ofereceu-se para ajudar na decoração. Sir Brienstad aceitou. O velho esculpiu nas três portas alusões aos elementos: Água — o navio no mar; Terra — o cavalo na colina; e Ar — a águia planando. Fundiu esse belo lustre/castiçal que pende da abóboda para o quarto elemento — o Fogo, e orientou o barão que mantivesse, sempre, as velas acesas.

— Interessante! Por que os quatro elementos? E o que foi feito do ancião?

— Uma resposta de cada vez. Os quatro elementos encerram em si o poder da criação e a força da natureza. Eles promovem a unidade entre o divino e o humano, mantêm o equilíbrio e a proteção do local. Quanto ao artista, mudou-se algum tempo depois, talvez para levar seu sagrado talento a outras paragens.

— Este castelo tem fatos interessantes! — disse admirada.

— Tem sim, minha cara! — a parede respondeu orgulhosa e ordenou. — Vamos, entre!

A sala de estar era magnífica e luxuosa, cobrindo todo o chão havia um tapete vermelho com arabescos em tons de bege e verde, sobre ele uma mobília em madeira rústica, que contrastava com a delicadeza das cortinas alvas e rendadas. Os sofás eram forrados com veludo verde escuro, as mesinhas nas laterais alojavam peças de arte e castiçais, e ao fundo uma suntuosa lareira amparava um imenso espelho emoldurado em bronze. Admirei minha imagem e o local nele refletidos — acolhimento — foi essa a sensação que tive, além do calor que emanava da lenha ardendo mansamente na lareira. Não perguntei quem a havia acendido, pois tudo naquele castelo era extraordinário. Escolhi uma poltrona, tirei o casaco, coloquei-o sobre o encosto preparando-me para sentar, comentei. — Esta sala não me parece envelhecida, tem um ar jovial, não acha?

— Você é sensível, cara jornalista, sua percepção é aguçada. Este ambiente presenciou um feliz episódio.

— Estou pronta para ouvi-la — disse ajeitando-me na poltrona.

E a parede iniciou:

— O barão de Brienstad tinha inúmeros empregados que moravam na propriedade com suas famílias. Na época que Mildri nasceu, também uma das esposas concebeu uma menina, Lys, que pela criação próxima tornou-se sua melhor amiga. Ela e Mildri eram inseparáveis, brincavam, estudavam e faziam travessuras juntas. Criativas, sempre traziam alguma novidade para Gerda:

acessórios com flores e gravetos para enfeitar-lhe o cabelo ou as roupas; sacolas tecidas com raízes e folhas e certa vez até um incauto esquilo para lhe fazer companhia. Samara também não suportava a amiga da irmã, quando podia a enxotava do castelo. Após o precoce desaparecimento de Mildri, Lys se aproximou da baronesa, as duas choravam juntas tamanho infortúnio. A jovem era perseverante como Gerda, sempre esperou o retorno da amiga. Numa tarde, Lys estava sentada na beira da estrada, distraída nas lembranças. Não percebeu quando um jovem, montado a cavalo aproximou-se. "Hei, pode me dizer se estou próximo ao castelo de Brienstad?" A jovem se assustou e gritou. "Não tenha receio, só lhe fiz uma pergunta." Lys levantou os olhos, deparou-se com um belo jovem e lhe sorriu, respondendo: "Eu moro na propriedade, posso levá-lo até lá." Ele desceu do animal e caminhou ao lado dela.

— E quem era esse jovem? — interpelei.

— Ele era Ivar, um príncipe elfo, filho do rei da Floresta de Nesbyen situada ao norte da ilha.

— Não era humano?

— Era meio humano. O deus da justiça, Forseti, o transformara em meio homem, para que ele cumprisse uma missão de um acordo feito com seu pai, rei Daeron. Se Ivar tivesse êxito, Forseti permitiria seu matrimônio com uma bela e virtuosa humana, para juntos salvassem a Floresta de Nesbyen.

— Que tipo de tarefa ele deveria cumprir?

— Vou lhe explicar... Lembra-se do episódio sobre o nascimento de Mildri, quando as elfas do bosque a acolheram e cuidaram dela durante 21 dias?

— Sim, lembro... E depois as elfas a colocaram na soleira da porta da cozinha do castelo e ela foi adotada pelo barão.

— Exatamente! — confirmou a parede, fez uma breve pausa e continuou. — Mildri fora apadrinhada pela deusa Idun, a guardiã do pomar sagrado, cujas maçãs permitem aos deuses restaurarem a juventude. O bebê recebeu como presente dela, a eterna juventude.

— Por isso havia uma maçã na cesta. O presente da deusa! — disse subitamente.

A parede ignorou minhas palavras.

— Quando a embarcação afundou, graças ao pacto de ódio e inveja de Samara com a deusa Ran, a vida de Mildri foi ceifada. Contudo, o destino dela foi salvo pela profecia ofertada por sua madrinha Idun, transcrita num pergaminho pela virgem Skuld, guardiã dos segredos do futuro. O príncipe Ivar tinha como missão entregar esse pergaminho à baronesa Gerda.

— Então Mildri foi salva? — questionei admirada, esboçando um sorriso.

— Digamos que sim, mas não como você imagina — respondeu a parede com frieza. — Seja mais paciente e aguarde o desenrolar dos acontecimentos.

Não argumentei e fiquei atenta à narrativa.

— Voltando à estrada... O príncipe manifestara seu cansaço pela longa cavalgada e Lys, gentilmente, o convidou a uma parada em sua casa. Ivar aceitou. A mãe da garota o recebeu e lhe ofereceu água e frutas. Lys se encantara com os modos e beleza do rapaz e não tirava os olhos dele. O príncipe também se impressionara

com sua delicadeza. Apaixonaram-se naquele momento! — A parede suspirou e continuou. — Chegando ao castelo, o jovem apresentou-se como filho de um fazendeiro da região de Nesbyen, enviado para comprar algumas ovelhas. Sir Heimdall não estava vendendo seus animais, contudo, também se encantou com o príncipe e o convidou para se hospedar no castelo por alguns dias. E assim, o casal enamorado pôde conviver e se conhecer melhor. Um dia antes de partir, Ivar confidenciou ao barão a intenção de se casar com Lys. Sir Heimdall ficou muito feliz e acompanhou o rapaz até a casa dos pais da esposa escolhida, e nesse encontro a data do matrimônio foi acertada. A baronesa Gerda anunciou um banquete para festejar o noivado. As empregadas passaram a noite cozinhando e no dia seguinte o salão de festas foi aberto e decorado para o evento. Uma aura de felicidade e vida envolveu o castelo, uma breve pausa na tristeza e dor pela ausência de Mildri. Mas o príncipe precisava cumprir sua missão, motivo de sua viagem, e antes da comemoração procurou a baronesa que estava aqui nesta sala. Ivar lhe deu o documento e disse: "Fui enviado para lhe entregar este pergaminho, que trará algum alívio ao seu sofrimento. A maldade humana aparentemente matou Mildri, mas a bondade dos deuses salvaguardou seu destino e triunfo! Guarde-o consigo." Ela recebeu o presente e perguntou quem o havia mandado. O príncipe não respondeu, sorriu e abraçou a baronesa, que ficou sem entender, mas sentiu paz e conforto. Toda comunidade do castelo compareceu ao jantar de noivado, foi um belo evento. Ivar partiu no dia seguinte e retornou após sete luas para o matrimônio. O barão e a baronesa de Briensstad ofereceram a celebração. Os empregados decoraram

a Capela e os jardins, prepararam uma linda festa. Toda região foi convidada. Uma semana após o evento, o casal viajou para a floresta de Nesbyen levando consigo, Svan e Eilen, os pais de Lys. Soubemos que foram felizes e tiveram alguns filhos.

— Uma linda história de amor e talvez com final feliz. E quanto ao pergaminho?

— Gerda ao recebê-lo, naquela noite, colocou-o sobre uma mesinha e se esqueceu dele. A malévola Samara, sorrateiramente, o pegou e escondeu na arca dourada junto ao bracelete. A baronesa morreu meses depois, sem saber o que estava escrito nele.

— O fato ocorrido aqui, nesta sala, não chega a ser feliz como você adiantou, mas misterioso.

— Um mistério feliz ou um feliz mistério. Fica melhor assim? — ela disse animada e riu.

— Este ambiente é realmente agradável e acolhedor, eu poderia passar horas aqui, mas tenho outro compromisso. Marquei uma reunião com meus colegas de trabalho e preciso preparar o material.

— Entendo, você tem de ir agora, aguardamos sua volta.

Agradei, me despedi e saí apressada. Eu havia marcado o encontro em minha casa e a geladeira estava vazia, fui ao supermercado e comprei pães, presunto, queijo, uma torta doce, suco e leite. — Alex e Fred vão reclamar a falta da cerveja — pensei, mas não voltei para comprar, segui direto para casa.

**M**igucha, fiel companheira, me aguardava dormindo. Ao sentir minha presença se espreguiçou, deu um longo bocejo e veio até mim. Acaricieei sua cabeça e fui para a cozinha. Ela me acompanhou. Alimentei a gatinha, preparei o café, guardei as compras e arrumei a mesa para o lanche; em duas horas meus amigos chegariam.

Minha escrivaninha estava coberta com papéis e alguns documentos. Coloquei-os em ordem. Peguei a caneta e uma folha de papel para escrever. No entanto, eu estava desprovida de inspiração, não tive nenhuma ideia, nada me veio à mente. — Espero que Fred e Alex tenham alguma sugestão ou quem sabe um plano traçado — confortei-me. Liguei o computador e me distraí lendo o jornal.

A campainha tocou. Levei um susto, estava entretida na leitura. Fui atender a porta.

— Boa noite, tudo bem? Entrem — cumprimentei Alex e Fred. Tinham a aparência cansada e foram direto para o sofá.

— Tivemos um dia corrido, estou acabado! — disse Alex, sentando e já colocando as pernas sobre Fred para se alongar.

— Você é bem folgado, Alex, também estou cansado — Fred reclamou, empurrando as pernas do outro.

— Vamos fazer um lanche, antes de começar?

Responderam em uníssono — Siiimmm!

— Pode trazer até aqui? — pediu Fred.

— Claro, fiquem à vontade — disse enquanto ia para a cozinha preparar a refeição para servi-los.

Quando voltei à sala, os dois estavam adormecidos no sofá. Coloquei a bandeja sobre a mesinha de centro e os acordei. Eles, literalmente, atacaram a comida. Estavam esfomeados.

— Muito bom, Lorin, delícia! — grunhiu Alex enquanto devorava a torta.

— Tem cerveja? — Fred perguntou.

— Não! Temos muito trabalho a fazer.

— Concordo... — admitiu ele fazendo careta.

— Já terminaram? Vamos para o escritório, se ficarem aqui, vão dormir. Venham... — disse mostrando-lhes o caminho.

A escrivanhinha estava preparada para a reunião, limpa, vazia e eu já havia colocado as cadeiras ao redor. Sentamos.

— Você já tem alguma ideia, Lorin? — questionou Fred enquanto ligava seu computador.



— Nada, amigo, mas eu tentei — confessei.

— Sem problemas — disse Alex. — Nós já traçamos um plano...

— E parece quase perfeito — completou Fred.

— Estou ansiosa, me contem...

Alex começou.

— Encontrei por acaso, hoje de manhã, uma notícia na redação, que com certeza, aguçará a curiosidade de Peter e poderemos usá-la como isca para levá-lo ao tal castelo. É uma excursão de senhoras, algumas nobres, que chegará dentro de três dias. Elas vêm participar do Encontro Anual da Primavera e farão visitas pela região. Uma delas é à Galeria de arte do castelo de Brienstad.

Interpelei.

— Mas não podemos colocar inocentes em risco, Peter é perigoso!

— Calma, Lorin — disse Fred — não terminamos de expor o plano. Alex me encarou e continuou.

— Primeiro temos de atrair Peter até o castelo, na hora da visita dessa excursão. Milla terá de nos ajudar nessa etapa, fazendo com que ele saiba sobre as senhoras e vá até lá procurar uma próxima vítima. Segundo, agora é a sua vez Lorin, precisamos encontrar uma mulher que se faça passar por nobre, nossa isca, para se aproximar de Peter na ocasião. Pode fazer isso?

— Bem... Alex. Posso tentar — respondi insegura.

— Certo. Depois da primeira aproximação, nossa falsa nobre terá de marcar um novo encontro, no mesmo local.

— Mas Alex, isso pode ser perigoso! — alertei.

— Peter não é um matador impulsivo. É ganancioso, esperto e malandro, ele vai primeiro envolver a

vítima para conseguir o que deseja, só depois dará cabo dela — Fred argumentou e disse. — Continue Alex.

— Temos amigos na polícia, falaremos com eles e nossa isca “a senhora” ou espiã estará protegida, com câmara e gravador escondidos na roupa e seguida de longe por um detetive. Assim, o encontro e as conversas serão gravados, filmados e poderemos pegar Peter em flagrante quando ele estiver dando seu golpe.

— Lembre-se, nossa espiã não é uma senhora rica ou nobre. Tudo será uma armação, a intenção é o flagrante do delito e depois a polícia cuidará do resto da investigação — concluiu Fred.

— Entendi... — disse pensativa.

— Acha que pode encontrar alguma amiga para nos ajudar? — Alex questionou.

— Eu! Eu serei a dama que encantará e pegará aquele crápula — falei decidida. — Usarei um disfarce. Ele jamais me reconhecerá, aliás, pessoalmente ele me viu poucas vezes. Nem sequer me olhou. Não tenho os predicados que ele admira numa mulher, o dinheiro!

— Gostei de sua sugestão, Lorin — Alex disse e inquiriu Fred. — O que acha?

— Acho ótimo, assim não envolveremos outras pessoas, é mais seguro para todos nós. Há uma quadrilha que dá cobertura a Peter e que certamente não é amadora. Nós, sim, somos marinheiros de primeira viagem — respondeu Fred.

— E que viagem! — Alex exclamou.

Rimos juntos.

— E Milla? — questioneei voltando ao assunto.

— Também será enganada — Alex foi direto. — Ela pode atrapalhar nosso plano.

— E como vamos atrair Peter para o castelo?

Fred respondeu.

— Você deve ir até a casa deles e na presença dos dois contará a notícia da excursão, com muita ênfase, para que o patife fique bem entusiasmado, entendeu?

— Sim, entendi muito bem. Deixem comigo!

Acertamos os detalhes: dia e hora da visita e do encontro seguinte; Fred conversaria com os investidores; e eu providenciaria o disfarce. O desfecho do nosso plano, a prisão de Peter, ficaria naquele momento, por conta da sorte, pois dependíamos do sucesso da primeira etapa, a conquista.

Depois daquele encontro, não nos veríamos mais. Por medida de segurança nosso contato seria por telefone ou e-mail.

Já era tarde quando terminamos. Alex e Fred tomaram mais um café e partiram. Fui deitar pensativa, preocupada com a visita ao casal. — Eu não devo ficar cara a cara com Peter. Se ele me reconhecer quando eu estiver disfarçada de madame, nosso plano estará arruinado. Vou tentar outra maneira de dar a notícia.

Na manhã seguinte, escrevi um bilhete para Milla, contando sobre a excursão das nobres e ricas senhoras e a visita à Galeria de arte do castelo, informando a data, horário e endereço. E convidei-a para cobrir o evento. Fui até sua casa e deixei o papel na caixa do correio. Em seguida, liguei para o telefone de Peter.

— Oi Milla, tudo bem? — Eu sabia que não era ela.

— É Peter. Quem fala?

- Lorin! Oi Peter, preciso falar com Milla.
- Ela foi ao supermercado, posso ajudar?
- Acho que pode sim! Deixei um bilhete em sua caixa de correio e Milla não me ligou ainda. Preciso saber a resposta. Será que pode ver isso pra mim?
- Sim, claro, vou pegá-lo e entrego a ela.
- Ótimo, vou aguardar então. Até mais. — Desliguei cruzando os dedos para que ele caísse na armadilha.



quele era um momento de espera, tratei de me entreter arranjando os acessórios para o figurino da personagem que eu viveria em breve. Procurei no armário, eu não tinha nada que pudesse ajudar. No entanto, a três quarteirões de minha casa, havia uma loja de costumes usados.

Fui até lá. — Quanta coisa velha e antiga — pensei. E comecei a vasculhar as estantes. Eu tinha em mente o que precisava, fui pegando: um chapéu, dois casacos de pele, um vestido estampado e um preto, uma bota, cachecol, lenço e echarpe, duas bolsas e alguns colares e brincos, todos com pedras ou pérolas e com aparência de joias verdadeiras. Comprei um arsenal — disse rindo enquanto pagava a mercadoria no caixa da loja. Voltei para casa e provei as roupas. — Excelente! Figurino aprovado — disse para Migucha que me observava intrigada. O telefone tocou.

— Alô!

— Lorin, estou ligando para lhe dar a resposta.

— E Milla? — perguntei, já supondo o que Peter diria.

— Ela pediu que eu ligasse, pois está muito atarefada com a preparação de um artigo que tem prazo para entregar.

— Tudo bem, Peter, entendo. Mas ela vai cobrir a visita ao castelo? — Eu já sabia a resposta.

— Então, ela pediu muitas desculpas, sua agenda está lotada e ela não pode ir — ele disse e rapidamente questionou. — Você vai estar lá?

— Não! Não posso! Tenho outro compromisso — respondi com ênfase.

— Ah... Ótimo! — Peter respondeu sem pensar e disfarçou. — Certo, sei.

— Obrigada por ter ligado, dê um abraço em Milla. Estarei fora nos próximos dias, mas quando voltar eu ligo. Até.

— Até breve, Lorin — ele disse e desligou.

Peter mordera a isca! Escrevi para Alex e Fred, que me responderam com as orientações para o dia da visita. Eu deveria ir, sem disfarce e bem cedo, para o hotel Bremer, local onde a excursão estaria hospedada. Na recepção um detetive disfarçado me receberia e me levaria até um quarto, onde eu pudesse trocar de roupa e a equipe da polícia instalasse no casaco a câmera e o microfone/gravador. E assim aconteceu, no dia seguinte.

Por volta das 9 horas as senhoras já estavam no salão aguardando o ônibus que as levaria ao castelo.

Aproximei-me devagar e parei entre elas. O grupo era pequeno, vinte pessoas.

O ônibus chegou, entrei junto, silenciosa e muito nervosa. — Espero que tudo dê certo — pensava e tremia. Chegamos ao castelo, fomos recebidas por um servidor que guiava os visitantes à exposição. Elas não perceberam que eu era uma intrusa. No saguão vi um homem perto de um cavalete, ele estava de costas para mim, mas tive a certeza — Peter — claro que era ele, e me apressei. Parei ao lado. Logo percebi que ele me observava. Continuei parada, admirando o quadro. E como eu previa...

— Bom dia, encantadora senhora!

— Bom dia! — respondi cabisbaixa.

— É uma apreciadora da arte impressionista? Talvez colecionadora?

— Colecionadora — respondi com voz firme, mas suave.

— Então, temos algo em comum, pois eu também sou um colecionador de obras de arte — Peter disse com soberba.

— É uma tradição em nossa família, meu bisavô o barão Karl Mörner iniciou-a, temos um vasto acervo. Algumas peças estão em museus e outras em nossa propriedade — disse devagar e em bom som, levantando a cabeça e o encarando. Os olhos de Peter brilharam e ele foi direto ao assunto.

— Precisamos nos conhecer melhor, podemos nos ver hoje à noite?

— Hoje terei um compromisso. Talvez, amanhã?

— sugeri pensando: um canalha previsível.

— Certamente, como desejar minha cara senhora

— Peter disse olhando-me fixamente. — Você é encantadora e elegante, bem se vê que é uma nobre — completou com falsa educação e sorrindo.

Agradei, virando o rosto para outro lado. — Se ele me reconhece estou perdida — pensei e caminhei até a porta.

— Espere — disse ele. — Preciso encontrá-la outra vez. Diga-me onde e quando.

— Aqui, nesta sala, amanhã ao entardecer — respondi e fui para o ônibus. Minha vontade era voar no pescoço daquele crápula e esmurrá-lo, mas eu precisava me controlar e seguir com o plano.

Peter estava praticamente fisgado, mas o que eu desejava e precisava era conseguir sua confissão, que ele me falasse sobre os crimes, as estratégias da quadrilha, pois assim, Milla seria inocentada no processo. Minha primeira intenção era salvar minha amiga.

Fiquei hospedada no hotel Bremer até o dia seguinte, e a tarde fui para o castelo, de taxi. A equipe instalara a câmera e o microfone/gravador nas minhas roupas e o detetive me acompanhou de longe. Cheguei e entrei no salão. Não havia ninguém, o horário da exposição já havia terminado.

— Lorin, sei de suas intenções — disse a parede.

— Que bom ouvir sua voz... Estou com medo!

— Não se aflija. No momento oportuno, vamos intervir. Fique alerta e siga nossas instruções. Tudo vai dar certo.

— Estarei atenta. Confio em vocês, amigas.

Peter estava entrando na sala e não percebi.



— Pensava em voz alta, minha doce e encantadora dama?

— Não. Eu conversava com as paredes — respondi sorrindo e admirando-as. — Veja, não parecem vivas!

— Percebo que tem um agradável senso de humor — ele disse vindo em minha direção.

— Digamos que sim — falei olhando ao redor e esperando algum sinal. E nesse instante me lembrei do sonho, no qual Peter corria pelo corredor. E perguntei-lhe. — Você conhece este castelo?

— Não, mas talvez você possa me apresentá-lo — respondeu ele sorrindo maliciosamente.

Caminhei até as três portas, abri a do meio.

— Vamos?

O crápula me seguiu e perguntou animado.

— Aonde quer me levar?

— Ainda não sei — respondi e continuei andando. Minha intuição foi subir ao pavimento superior.

— Um quarto para podermos conversar?

— Pode ser. — E me adiantei à escada.

— Seja bem-vindo Peter! — a parede o saudou.

— Você falou alguma coisa, minha dama?

— Eu? Não disse nada e também não ouvi nada — menti. É claro que ouvira minha amiga saudando o safado.

A parede continuou.

— Há muito o esperávamos, Peter!

— Há mais alguém aqui! — ele insistiu.

— Acho que não... — disse com ironia.

— Não se lembra de mim, Peter? — ela perguntou. Ele parou no alto da escada e gritou.

— Quem é você? Apareça! Agora!

— O que você tem? Não há ninguém aqui — falei caminhando devagar, pois sabia que o ectoplasma de Freya, a governanta, rondava o local.

Peter estava ficando nervoso e gaguejou uma sugestão.

— Vamos sair daqui, não gosto deste lugar.

— Você está impressionado, é só isso — repliquei e andei mais um pouco. Ele me seguiu.

— Peter, estava com saudade de você! — exclamou a parede. — Não se lembra de mim? Sou uma de suas vítimas...

— Vítimas? Que vítimas? Quem está aí? Apareça!

— Está nervoso, querido! Sou uma de suas vítimas, vítimasssss... — A parede conseguira irritá-lo.

— Chega! Chega! — ele gritou, deu meia volta para sair, mas só conseguiu dar dois passos.

Peter foi impedido pela nuvem cinzenta, que avançava sobre ele.

— Vim buscá-lo, sentimos muito a sua falta... — disse a parede e gargalhou. O chão tremeu.

O homem ficou descontrolado, gritava tentando se desvencilhar do ectoplasma. Eu me encostei na parede e fiquei quieta observando.

— Deixe-me sair. Saia da frente! Socorro! Socorro!

— Não deixo não, até que me conte, por que matou aquelas mulheres! — a parede intimou.

— Não matei ninguém! — ele esbravejou.

— Matou sim, foram muitas, não se faça de bobo. Vamos, fale logo! Confesse, meu querido. — Ela ironizou.

— Nunca sujei minhas mãos, não sou idiota!

— Você é muito esperto e corajoso, molhou as

próprias calças, olhe-se. Todo urinado.

A massa cinzenta tentava envolvê-lo, Peter lutava com ela e gritava, desesperado.

— Solte-me! Solte-me!

— Quer ficar livre de suas vítimas? — a parede o inquiriu com sarcasmo. — Quer? Então me conte como deu cabo de suas vidas. Conte-me! Agora! — ela ordenou.

Ao ouvir a ordem, me aproximei do marginal para que a confissão fosse gravada no equipamento que eu carregava. Ele nem notou minha presença, estava enlouquecido. Confessou. Contou sobre os golpes, como havia se livrado das mulheres e delatou os comparsas. Falou o suficiente para ser incriminado.

A parede o interrompeu.

— Chega! Não quero mais ouvir sua voz! Saia!

O ectoplasma se afastou para que Peter corresse, mas o seguiu e quando ele descia as escadas, entrou em seu corpo, pelas costas.

— Vá atrás dele! Avise a polícia! — a parede me ordenou.

Alcancei-o no saguão e o chamei. — Peter!

Ele parou, me encarou e avançou.

— Foi você! Você me trouxe aqui, sua vadia! Eu vou matá-la!

Corri, tropecei numa cadeira e caí. Peter se jogou sobre mim e agarrou meu pescoço. Eu bati nele e tentei gritar, pois a polícia estava no jardim, mas ele me sufocava. Foram alguns segundos de terror, cheguei a pensar que morreria ali mesmo.

Subitamente uma das cortinas incendiou-se, as labaredas iluminaram o castelo. Um policial se apressou.

Entrou no saguão e presenciou o crápula me enforcando. Sacou de sua arma e deu voz de prisão. Fui salva, que alívio! Peter ainda tentou se explicar, dizendo que a cena era uma brincadeira de casal. Foi preso em flagrante.

O fogo na cortina desapareceu por magia da amiga parede, é claro. Alex e Fred, que já estavam perto do castelo, me levaram para casa; em seguida foram à delegacia entregar a câmera e o gravador.

Com o êxito do nosso plano, tudo seria resolvido. Milla era inocente e estava livre do problema. Peter e a quadrilha, presos, pagariam por todos seus crimes. E o espírito de Freya, finalmente, encontrara um corpo para se alojar e cumprir o resto de sua missão terrena.

Eu estava exausta, mas satisfeita. Tomei um banho quente e dormi profundamente.

**U**ma semana após a prisão de Peter, retornei ao castelo para agradecer minhas amigas paredes. Elas foram essenciais ao sucesso do plano.

Naquela manhã ele parecia sombrio. Uma aura de angústia o envolvia. Estacionei o carro e andei até a entrada principal. A porta estava entreaberta, como de costume ninguém por perto. Entrei, o saguão estava gelado e obscuro. Senti medo. Fiquei parada aguardando algum movimento ou som que me direcionasse. Nada. Caminhei até o átrio.

— Vá pelo corredor da direita — orientou a anfitriã.

— Bom dia, paredes, vim agradecer-lhes! — exclamei dirigindo-me para o lado indicado.

— Hoje, particularmente, não é um bom dia, mas um dia de pesar — ela falou num tom amargurado.

— Por que diz isso?

— Nesta data, durante os anos que este castelo foi habitado, todas as cortinas eram mantidas cerradas, e somente no quarto negro acendiam-se velas.

— Quarto negro? — inquiri assustada. — Explique isso, parede. Que dia foi esse, o que houve aqui?

— Siga em frente e logo à sua direita você encontrará um grande quadro na parede, é uma passagem — ela disse.

— Estou indo — pronunciei entre dentes, e andei.

A imagem pintada na tela era de uma dama sentada num jardim multicolorido — ela parecia me olhar fixamente — tremi! Aproximei-me, o quadro/porta se abriu e entrei.

Era um pequeno cômodo escuro e sem mobília, somente uma passadeira no chão que terminava na porta de outro ambiente, e esse iluminado. Com alguns passos alcancei-o. Era um quarto, no centro havia uma cama de casal, rústica, sem adornos e coberta com uma colcha negra. Ao redor da cama quatro castiçais com velas negras flamejantes. Uma cena mórbida.

— Mas o que é isso? — exclamei dando um passo para trás.

— Você precisava conhecer o local, antes de saber dos fatos que aqui ocorreram. Mas se quiser, podemos conversar em outro local.

— Sim, claro que quero sair daqui, e já. Esse quarto é horrível — reclamei enquanto dava meia volta e seguia para o corredor. — O salão de entrada é o lugar ideal!

— Como desejar, minha cara jornalista — consentiu a parede. E iniciou a narrativa. — Lembra-se da jovem

Nanci, que fora designada governanta quando da morte de Freya?

— Sim, lembro-me, era filha de um dos empregados do castelo, correto?

— Exato, filha de um casal que Sir Heimdall encontrou vivendo precariamente numa tenda, na floresta da propriedade vizinha, quando num sábado caçava com os amigos. Piedoso, o barão ofereceu emprego e moradia à pobre família, que prontamente aceitou. Os pais trabalhavam na criação e ordenha dos animais e a jovem era a nova governanta. Nanci se mostrava atenciosa e interessada em aprender, apesar da inexperiência, mas a baronesa Gerda era bondosa, tolerante e auxiliava a aprendiz. Contudo, esteja atenta! As aparências podem nos induzir a erros imperdoáveis — enfatizou a parede. — Ninguém pôde suspeitar, que por trás do jeito sincero e meigo da jovem governanta havia uma mente perversa e uma alma asquerosa. O tempo passou e Nanci não se contentava com a vida modesta que tinha. Era muito ambiciosa, desejava riqueza, luxo, vida fácil, não suportava mais ser uma simples empregada, morando num humilde casebre. E após ganhar a confiança da baronesa, esmerou-se em ganhar, além da confiança de Sir Heimdall, sua admiração. Em pouco tempo atingiu o objetivo: conquistara seu coração. O barão, homem de meia idade, sentiu-se renovado. Estava se apaixonando. A dedicada governanta tratava-o com especial atenção, e a cada dia, o desejo e a paixão por ela aumentavam. Esperta, mas traiçoeira, manteve-se intocada, até estar certa do domínio sobre a situação; e num entardecer, enquanto a baronesa participava das orações na capela, a jovem atraiu Sir Heimdall

até o quarto negro, feito para ser um esconderijo, e o seduziu. Paixão consumada, corpo e alma conquistados. Os encontros tornaram-se rotina. O barão estava completamente dominado, e a jovem governanta aproveitava os momentos secretos de prazer para conseguir suas be-nesses. O primeiro presente foi um anel, o segundo algumas reses, o terceiro um colar e assim, adquiria sua fortuna. Mas o objetivo final da gananciosa Nanci era tomar a propriedade do barão. Os meses passavam e Gerda percebia a mudança de comportamento da jovem, que não demonstrava o mesmo carinho pelas meninas, andava negligente com suas tarefas e, às vezes, era ríspida com a família e os empregados. Pediu, então, ao marido que a substituísse. No entanto, teve seu apelo negado, o que lhe causou inquietação. Nanci, do outro lado, preparava a última investida: envenenar a família. O barão foi o primeiro a sentir os efeitos do veneno, colocado em pequenas doses e diariamente na comida. Passou a ter dores de estômago, náuseas e perda de peso; em seguida as meninas e por fim Gerda, todas padecendo dos mesmos sintomas. A família definhava, médicos foram chamados, poções e rezas usadas, mas nada lhes curou; o sofrimento continuava. A perversa governanta mostrava-se preocupada com a situação e esbanjava seu alento fingido às meninas e à baronesa. Enquanto martirizava o barão, seduzindo e humilhando-o pela doença e perda da virilidade. O homem transformara-se num trapo humano, quase enlouquecido pelo tormento que experimentava. Uma das cozinheiras do castelo, penalizada, ofereceu ajuda a Gerda: levá-la ao encontro de Elga — a velha maga que vivia na floresta. A baronesa aceitou. Saíram juntas pela manhã. No caminho íngreme que levava até a gruta,



perceberam que uma matilha as seguia, as duas mulheres tentaram apressar os passos, porém os longos vestidos impediam movimentos mais ágeis. Os lobos se aproximavam, desesperadas suplicaram a proteção dos deuses. De repente, um dos animais deu o bote sobre elas, mas antes que lhes atingisse foi estacado no ar pela lança de Tyr — deus da coragem e guardião da justiça. Ele as socorreu. Agradecidas, as mulheres reverenciaram a divindade. “A matilha foi atraída pelo faro, vosso rasto exala o odor da morte, mas sigam adiante, pois vossa busca é justa”. Disse-lhes Tyr, antes de desaparecer entre as nuvens. Prosseguiram a escalada. Chegando ao topo, encontraram Elga que já lhes aguardava. E dirigindo-se à baronesa, ela profetizou: “Seus olhos não enxergaram, porém, o espírito não é ludibriado. Aquela a quem você deu a mão e acolheu em sua morada, esconde atrás do sorriso, obscenidade, infâmia e desgraça. Traiu sua confiança e roubou-lhe os bens mais preciosos — a paz e o amor de sua família —, e pretende tomar-lhe o castelo. Creia na justiça divina e então, diante de seus olhos ela, a traiçoeira Nanci vomitará a imundice e podridão que traz no coração e na alma, junto ao veneno, com o qual pretendia matá-los. As aves de Odin levarão a maldita, e seu lar será salvo”.

— Nossa que profecia... — pronunciei em voz alta. — Desculpe-me, mas essas palavras foram fortes.

— Entendo. Nanci foi pérfida e desleal, recebeu o merecido — comentou a parede e continuou. — A baronesa voltou ao castelo, esperançosa, mas apreensiva, pois não sabia em que tempo a profecia seria realizada. Em nove dias, Gerda presenciou uma cena tenebrosa e

nojenta em frente ao quadro/porta do cômodo secreto: a governanta se contorcia no chão do corredor, vomitando vermes asquerosos misturados a um líquido viscoso, negro e fétido. Subitamente uma revoada de corvos crocitando adentrou o local, atacou ferozmente a jovem caída e em segundos desapareceu levando tudo. A baronesa sentiu um alívio e não revelou a ninguém o ocorrido. Para justificar a ausência de Nanci, contou a todos que ela lhe pedira alguns dias de folga, pois precisava viajar.

— E a família se recuperou? Foram curados? — perguntei ignorando o fim da cruel governanta.

— Sim, todos se recuperaram ou quase todos. Sir Heimdall entrou em depressão e após dois meses foi encontrado morto sobre aquela cama que você conheceu há pouco. Ao lado do corpo havia uma carta endereçada à esposa, onde ele contava o episódio da infidelidade e suplicava seu perdão.

— Começo a entender, hoje é aniversário de morte do barão de Brienstad, é isso?

— Perfeito, uma data triste, mas que por ordem da baronesa foi sempre lembrada e respeitada — completou a parede.

— Sei que não adianta lhes perguntar quem mantém as velas acesas, quem acende a lareira, abre portas, prepara chá e biscoitos, acertei?

— Lorin, não se preocupe como as coisas acontecem. A vida é feita de magia! — ela exclamou.

— É a primeira vez, desde nosso primeiro encontro, há 19 dias que você me chama pelo nome — disse para a parede e sorri.

— Nem percebi, cara jornalista... Agora já somos

amigas, confidentes e cúmplices, me senti íntima. Aliás, você veio até aqui para nos agradecer, mas não é preciso. Ajudamos você e seus amigos, pois era nosso dever.

— Dever? — perguntei enquanto pegava o casaco e a bolsa para ir embora.

— Sim, amigos verdadeiros ajudam-se mutuamente. É uma obrigação prazerosa — a parede explicou e brilhou. Tive a impressão que sorria.

— Muito obrigada. Vocês são especiais! — agradecei fazendo uma reverência.

— Somos paredes!

Rimos juntas.

— Amigas, ficarei alguns dias sem aparecer, tenho trabalhos para concluir, mas prometo voltar — disse caminhando para a porta e acenando-lhes.

— Até breve! — elas murmuraram em uníssono.

# 13



As visitas ao castelo me faziam muito bem. A convivência e as conversas com as paredes eram agradáveis, apesar das histórias fantásticas me surpreenderem, sempre. Entretanto, meus colegas e eu tínhamos prazo para entregar o material do catálogo e eu estava atrasada com minhas tarefas.

A intenção de publicar um livro sobre o castelo de Brienstad, ficaria para outra oportunidade.

— Agora, vou me dedicar somente ao catálogo — decidi, enquanto me acomodava à escrivaninha. Miguca respondeu com um tímido miado e se deitou sobre meus pés. Liguei o computador e consultei a agenda, havia mais quatro castelos para percorrer. Fiz os contatos, agendei as visitas e enviei mensagens para Alex, Fred e Milla, informando-os.

O catálogo turístico/cultural apresentaria os sete mais importantes castelos da região. Quatro deles já estavam sob a custódia da prefeitura e serviam à população: uma biblioteca, um museu, um teatro e uma galeria de

arte, que seria também em breve, um centro de convenções — o castelo de Brienstad. Os outros três castelos eram usados como moradia, porém, abertos à visitação pública. Recebiam muitos turistas interessados em conhecer as tradições e modo de vida dos nobres.

Na semana seguinte, concluímos as visitas. Milla se recuperava da tempestade pela qual passara, e dividi com ela a tarefa de redigir os artigos. Fiz as pesquisas, e conforme preparava os textos lhe enviava por e-mail; ela por sua vez organizava-os e mandava para Alex, o editor. Fred preparou as fotos e gravuras, o material ilustrativo ficou excelente. Terminamos o trabalho no tempo previsto. O lançamento do catálogo pela editora Norda foi marcado para o início do outono, quando o turismo começa a diminuir na região devido ao rigoroso inverno. O evento fora planejado para aquecer o movimento cultural e comercial.

A sensação de dever cumprido é benéfica e relaxante. Eu estava aproveitando o merecido descanso assistindo um filme, deitada no sofá e sempre acompanhada da fiel Migucha. O telefone tocou, estiquei o braço e o atendi, sem mover qualquer outra parte do corpo. — Alô!

— Oi Lorin, tudo bem com você?

— Milla! Estou bem e você?

— Liguei para me despedir. Amanhã cedo pego um avião para Paris.

— Maravilha! O clima parisiense é apaixonante...

— É mesmo, Lorin, por isso escolhi viajar para lá, pretendo ficar até o final do inverno.

— Tanto tempo... Mas entendo, você precisa.

— Sim, preciso de um bom tempo longe, desejo voltar totalmente nova!

— Sentirei sua falta, Milla. Divirta-se por mim!

— Obrigada, minha amiga, eu lhe escreverei, assim que estiver devidamente instalada e descansada.

— Vou esperar. Bon voyage! Prenez soin!

— Cuide-se, você também. Au revoir!

Desliguei o telefone, coloquei-o no chão. Fechei os olhos, adormeci no sofá. Acordei ao anoitecer, assustada, suando. Tivera aquele pesadelo... Sozinha, numa embarcação à deriva, em meio a uma tormenta... Um redemoinho alucinado me tragava... — Que sensação mais horrível. Vou tomar um banho, comer e beber algo, cuidar da bichana, depois tento trabalhar um pouco. Já posso retomar meu projeto, vou organizar o material para a publicação do meu livro sobre o castelo de Brienstad.

Após uma hora, mais ou menos, sentei à escrivania. Abri uma das gavetas para pegar o bloco de anotações e ao remexer nos papéis encontrei um velho caderno. Folheei-o. Tratava-se de um conto que eu havia escrito em minha adolescência.

— Qualquer dia desses preciso reler isso, nem me lembro o que tem aqui, mas o nome é bonito: A história de Lys — comentei com Migucha, e coloquei o caderno sobre o móvel.

Peguei o bloco para escrever a introdução do livro, rabisquei, desenhei esperando inspiração, pensei, mas faltava algo... A ponta do fio da meada para desenvolver o texto. Desisti. — Talvez minhas amigas paredes possam me ajudar — pensei em voz alta. E resolvi fazer uma visita ao castelo. Na manhã seguinte, fui até lá.

As obras já haviam começado, alguns cômodos seriam adaptados para servir ao centro de convenções — administração, reuniões e conferências. O jardim em

frente ao castelo estava tomado pelo material da reforma, funcionários uniformizados misturavam-se às caixas. Estacionei o carro e caminhei até a porta principal, que já estava aberta. Entrei. Encontrei alguns homens trabalhando, cumprimentei-os.

Com aquele movimento, a parede não falaria comigo. Saí à procura de um cômodo vazio para tentar um diálogo. Passei pelo átrio, peguei o corredor à direita e andei até o final, onde encontrei uma escada estreita e escura. — Nenhuma vela acesa para iluminar meu caminho — resmunguei e subi. Subi não sei quantos degraus, mas foram muitos. Alcancei a torre do castelo, um cômodo vazio de paredes escuras, quase silencioso, não fosse o tic-tac metálico e constante do relógio fixado na parede.

— Lorin! Que surpresa — exclamou a parede.

— Tudo bem? Essa reforma fez uma grande revolução aqui — comentei olhando ao redor.

— Sim, em breve, além das obras de arte, teremos muita gente no castelo — ela disse animada. Percebi que reluzia.

— Parede, preciso de sua colaboração — falei, mudando o rumo da conversa.

— Diga-me, no que posso ajudá-la?

— Planejo publicar um livro com os episódios que me contaram, mas não consegui escrever a introdução, pois não sei como começar — desabafei.

— Entendo... Você nunca nos contou sua história.

— Você nunca perguntou, parede. Mas isso não interessa, me refiro aos contos do castelo. — Sorri.

— Talvez a hora tenha chegado, conte-nos — ela pediu num tom suave.

— É uma história sem graça — disse, melancólica.  
— Sou órfã, fui deixada na porta de uma igreja ao nascer, encontrada pelo pastor e entregue num orfanato. Cresci, estudei e aos 18 anos comecei a trabalhar. Aluguei uma casa, ganhei uma gatinha, me formei jornalista e estou aqui.

— Qual sua idade? — a parede perguntou.

— Tenho 26 anos.

— Você nunca soube de seus pais ou família?

— Não, costumava dizer quando era criança, que minha mãe se perdera de mim numa noite de vendaval. Doía menos, o sentimento do abandono é cruel. Assim, cresci acreditando nessa fantasia — confessei com certo pesar.

— Lembra-se quando lhe disse que alguns caminhos do destino parecem um desatino à vida, mas com o passar do tempo são finalmente compreendidos?

— Sim, lembro e...?

— Quem sabe não seja esse o seu caso?

— Talvez... — respondi, sem demonstrar emoção.

— Preciso ir agora, posso voltar amanhã? Você vai colaborar com meu projeto, vai?

— Sim, Lorin, volte amanhã.

Desci a escadaria, já era hora do almoço e o castelo estava vazio. Fui para o centro da cidade, parei num Café, lanchei e fui para casa. Quando colocava a bolsa sobre a escrivaninha, vi o velho caderno. Peguei-o, sentei no sofá ao lado de Migucha e me entreti com a leitura.





*Era uma vez uma floresta chamada Nesbyen, localizada numa região montanhosa e muito fria da península escandinava.*

*Num tempo longínquo, a serpente Karr dominava Nesbyen. Sua morada, o pântano, crescia avançando sobre a vegetação, e a floresta minguava. Para salvar a região, Freya — deusa do amor e Freyr — deus da fertilidade escolheram, entre os elfos das colônias que ali habitavam, dois elfinhos. E numa cerimônia, à beira do único lago límpido que restara, fizeram um acordo com a mãe natureza. Os escolhidos — elfo Daeron e elfa Nienna — foram naquele momento, apadrinhados pelas divindades, e deveriam, no futuro, se casar. A união lhes daria poderes para resgatar a floresta e protegê-la da serpente.*

*O tempo passava... Enquanto os elfinhos cresciam, a fauna e a flora enfraqueciam. O pântano da serpente Karr invadira quase tudo e somente poucas famílias sobreviviam em Nesbyen. O casamento dos elfos precisava ser feito com urgência para que a floresta fosse salva.*

*Porém, Daeron havia se apaixonado por outra elfa e tentava adiar a data da união. Pressionado ao limite, o jovem elfo decidiu. Ao invés de se casar com a noiva prometida, fugiu com sua amada, Ireth. O pacto fora quebrado. A região sucumbia. Os elfos desesperados imploravam por socorro.*

*As divindades, Freya e Freyr foram ao encontro de Odin — o deus maior —, pedindo seu auxílio. E ele proclamou: "Karr, recolha seu lodo. A floresta de Nesbyen será agora dividida em dois reinos e seu pântano os separará. Um será governado por Daeron, o outro por Nienna. A região renascerá! Mas, por ter descumprido o acordo, o elfo receberá como punição a infertilidade e terá somente um filho. A elfa terá a liberdade de escolher seu futuro companheiro. A partir de agora o desígnio dos eleitos, rei Daeron e rainha Nienna, é repovoar, preservar e manter a paz em Nesbyen."*

*A comunidade agradeceu a clemência de Odin e festejou. Daeron e sua esposa Ireth voltaram para a floresta. Nienna tomou posse de suas terras, mas inconformada com a traição do ex-futuro esposo, prometeu vingança por toda a eternidade. A serpente recolheu-se ao pântano... Aparentemente.*

*Após alguns meses, Ireth descobriu que estava grávida e contou ao seu marido o rei Daeron que emocionado convocou seu povo, cerca de 200 elfos, para se reunir na clareira ao anoitecer. Ele deu a feliz notícia e juntos celebraram a vinda do herdeiro real. Uma grande fogueira foi armada no centro do pátio; ao redor dela todos os elfos dançavam e cantavam entusiasmados. Os pirilampos voando se confundiam com as fagulhas que saltavam dos tocos em chama. Os pássaros empoleirados nas árvores trinavam fazendo um fundo musical para a cantoria dos elfos. E escondidos nas moitas, em torno da clareira, alguns filhotes de alces espreitavam curiosos. O silêncio e a escuridão da noite cederam lugar a uma vibrante comemoração.*

*Do outro lado da floresta, no entanto, o sentimento*

*era de inquietação. A rainha Nienna via o clarão do fogo no céu e tentava adivinhar o motivo da fogueira.*

*— O que será que Daeron está fazendo? Uma festa de casamento? Uma cerimônia fúnebre? Pode ser um incêndio? Preciso saber o que está acontecendo.*

*Ordenou a um de seus elfos que chamasse a coruja, pois precisava de seus serviços. Em poucos minutos a ave surgiu.*

*— Sua alteza mandou me chamar. Posso ajudá-la?*

*— Sim! Você pode e deve. Vê o clarão no céu? Quero que vá até o outro lado do pântano, e descubra o que estão fazendo por lá. Mas volte imediatamente para me contar — ordenou Nienna.*

*A coruja partiu em disparada. Todos temiam a rainha. Ela era cruel e maligna.*

*Ao chegar na clareira, a ave ficou deslumbrada com as dezenas de pirilampos que rodeavam a fogueira. Seu olhar fora fisgado pelas pequenas luzes.*

*— Que banquete maravilhoso — exclamou a coruja. — Vou saborear essas delícias brilhantes e depois me informo sobre o motivo desta festa.*

*Gulosa, esqueceu de sua missão e caçou, um por um, quase todos os insetos. Satisfeita com a lauta refeição e zonga de tanto voar em círculos, ela não conseguiu ir muito longe. Parou e adormeceu num velho tronco.*

*O rei Daeron percebeu a movimentação da ave desconhecida e ficou apreensivo. Pediu que apagassem a fogueira e encerrou a comemoração.*

*Na manhã seguinte, Nienna estava furiosa, pois passara a noite acordada esperando o retorno da coruja, que só apareceu pela manhã e sem respostas. A rainha não admitia desobediências ou falhas. E a coruja seria*

*castigada por isso. A ave, desesperada, pediu clemência, mas não foi atendida. Nienna amaldiçoou-a.*

*— De hoje em diante você, coruja leviana, que escolheu o prazer em detrimento do dever, terá olhos de escuridão, somente de escuridão. Passará os dias escondida, pois sua visão não suportará a luz do sol. Será uma ave da noite e solitária. Vá! Suma daqui!*

*— Você nunca mais me verá, alteza. Mas cruzarei sempre seu caminho. Considere-me sua inimiga! — anunciou a coruja abrindo as imensas asas. E voou.*

*A rainha não conseguiu saber o motivo da festa. Ela estava irritada e curiosa, recolheu-se ao palácio subterrâneo e foi consultar suas runas. Jogou as pedras uma, duas, três vezes, sem, contudo, entender o oráculo. Impaciente jogou mais uma vez, e as pedras lhe revelaram — dissimulação e vingança. Ela pensou: "Dissimulação, dissimular, disfarçar... Sim! Um disfarce. É isso!". Chamou dois de seus elfos, transformou-os em ratos e ordenou-lhes que ao anoitecer fossem até as terras do rei Daeron. Deveriam entrar sorrateiramente em seu castelo e ouvir as conversas entre ele e sua esposa. Assim, imaginou Nienna que sua questão seria respondida. Porém, ela se esqueceu da runa que apontara vingança.*

*À noitinha, os dois elfos-ratos seguiram para cumprir a missão. Correram pela tundra até alcançar a divisa das terras, o pântano.*

*— E agora, como vamos atravessar? — um elfo perguntou ao companheiro.*

*— Vamos pedir para Karr nos ajudar — sugeriu o outro.*

*— Você está louco? Serpentes comem ratos — advertiu o primeiro.*

— *É verdade, havia me esquecido do disfarce.*

*No momento em que os dois elfos-ratos conversavam sobre a travessia, a coruja pousou numa árvore próxima e os ouviu.*

— *Oi ratos, posso dar uma sugestão? — Os elfos se assustaram quando a viram.*

— *Não somos ratos — um dos elfos se adiantou e disse.*

— *Mas estou vendo dois ratos — insistiu a coruja.*

— *Somos elfos da rainha, estamos disfarçados para uma missão. A mesma que você não cumpriu — explicou um deles.*

— *Ahh... sei — ela disse com indiferença e continuou. — Vocês poderiam fazer uma ponte com galhos.*

— *Impossível, estamos pequenos e com esses bracinhos só conseguiremos carregar gravetos — reclamou um dos elfos.*

— *Mas a coruja pode nos ajudar — disse o outro dirigindo-se à ave. — Pode?*

— *O que querem que eu faça? — ela perguntou.*

— *Você voa! Pode nos transportar até o outro lado do pântano.*

*A ave ficou uns instantes em silêncio e decidiu que o momento era de vingança e lhes respondeu.*

— *Está certo, mas foram vocês que me pediram.*

*Os dois elfos-ratos, animados, se preparavam para pular em suas costas e fazer a travessia quando num voo rasante a ave pegou um deles pelo bico e sumiu no bosque. O outro olhou para um lado, para cima.*

— *Onde eles estão? Já devem estar chegando à outra margem. Acho que foram por outro caminho. Vou esperar — disse o elfo-rato consigo mesmo.*

*Ele esperou horas, a noite estava terminando... E do fundo do pântano emergiu a serpente. O elfo-rato assustado se afastou.*

*— Calma, não precisa fugir, não estou com fome — disse-lhe Karr e continuou.*

*— Você é um elfo muito imbecil.*

*— Imbecil? — ele repetiu gaguejando.*

*— Imbecil, estúpido. Não sabe que corujas adoram comer ratos? — ela perguntou com ironia.*

*— Ratos... Corujas... Raatooooss... — disse o elfo começando a chorar.*

*— Sim, estúpido! Volte e conte à sua rainha que seu amigo foi degustado pela coruja que ela amaldiçoou — a serpente concluiu gargalhando e submergiu no lodo.*

*Pobre elfo, sabia que se voltasse seria punido. Mas era um servo fiel. Voltou. Ao se deparar com a rainha, ele empalideceu.*

*— Diga-me elfo, qual o motivo da fogueira, da festa nas terras de Daeron? — ela o inquiriu. Ele não respondeu, não conseguia falar.*

*E ela esbravejou. — Fale! Fale logo imbecil! Há horas espero pela resposta.*

*O pobre estava arrasado. Em prantos, soluçando contou a Nienna o que havia acontecido.*

*— O quê? Vocês não cumpriram minha ordem? — vociferava a rainha. — Estou cercada por um bando de incompetentes! Você será punido — anunciou.*

*— Eu sei, alteza — ele disse cabisbaixo.*

*Nienna pegou o elfo-rato pelo rabo, colocou-o sobre uma folha e o embrulhou. Chamou outros servos e ordenou-lhes que levassem a trouxa até o pântano e dessem de presente a Karr, com os cumprimentos da*

*rainha. E assim foi feito.*

*Os elfos estavam penalizados com o destino do amigo, mas deveriam cumprir as ordens. Um deles, o mais velho, teve uma ideia para salvar o pobre elfo-rato.*

*Rato ele seria para sempre, no entanto, poderia continuar vivo. Contou a todos o plano e quando chegaram ao pântano, prepararam o presente: colocaram a trouxa próxima à margem e desataram o nó. Chamaram Karr. Ela apareceu, e o mais velho deu o recado.*

*— A rainha Nienna enviou-nos para lhe entregar esse presente — disse apontando o embrulho. — Com os cumprimentos de sua alteza.*

*Os elfos saíram do local, mas esconderam-se atrás das árvores para assistir o desfecho. A serpente esticou o corpo até a margem e com a cabeça movimentava o presente para trazê-lo perto de si. Nesse vai e vem a trouxa se abriu e o rato-elfo correu disparado, desapareceu na tundra. Ele nem agradeceu aos amigos, mas os elfos ficaram satisfeitos, pois haviam realizado a tarefa sem sacrificá-lo.*

*Diante de duas tentativas fracassadas, Nienna decidiu que ela mesma visitaria o reino de Daeron, mas o faria em outro momento, precisava estar deslumbrante perante o rei. E para isso precisaria do auxílio da bruxa Gullveig. Enviou-lhe um convite e aguardou.*

*Dois dias depois, recebeu a visita de um corvo, que anunciava a chegada da feiticeira. Nienna foi recebê-la.*

*Ao longe avistou algumas nuvens negras. Era o cortejo se aproximando. Podia ouvir o uivo dos lobos que puxavam a carruagem, que era toda revestida com pele branca de ursos polares, e as rodas tinham diamantes incrustados. Magnífica!*

*Gullveig ostentava luxo e vaidade. Seus vestidos eram feitos com seda pura fluorescente, tecida especialmente para ela por larvas de mariposas mágicas — as heks møll. Para adornar os cabelos costumava usar uma tiara de pérolas negras, da qual brotavam dezenas de teias brilhantes que se misturavam à sua ruiva cabeleira. Possuía uma centena de anéis, braceletes e colares, fundidos em ouro e cravejados com pedras preciosas.*

*Na frente chegaram corvos crocitando e alguns metros atrás a suntuosa carruagem da feiticeira.*

*Nienna e sua escudeira — a aranha Krabbe —, foram ao seu encontro.*

*— Bem, minha cara, qual o motivo do inusitado convite? — adiantou-se Gullveig, a feiticeira.*

*— Preciso de seus préstimos. Só! — respondeu a rainha.*

*— Imaginei, tu não me convidarias para o chá da tarde só para conversar e ter o prazer de minha companhia — a bruxa ponderou com sarcasmo.*

*— Não diga isso. Por acaso você aceitaria esse tipo de convite?*

*— Talvez... Quem sabe, minha cara rainha — ela respondeu com repugnância. — Mas vamos ao assunto... Do que precisas?*

*— Do seu poder de encantamento — Nienna falou sem rodeios.*

*— Impossível! A única maga aqui, sou eu! — foi enfática. — Peça outra coisa.*

*— Quero fazer uma visita a Daeron. Pretendo voltar a conquistá-lo!*

*— Já o perdeste uma vez. Por que achas que agora vai conseguir fisgá-lo?*



— *Intuição — Nienna mentiu.*

— *Intuição? E desde quando tens esse dom? — Gullveig perguntou com ironia.*

*A rainha ficou desconcertada perante a convidada, mas procurou manter as aparências, ignorou a pergunta e continuou.*

— *Quero que me torne fascinante e encantadora aos olhos de Daeron. Pode fazer isso?*

— *Vai te custar caro! — preveniu a bruxa.*

— *Não importa quanto, desde que eu consiga meu intento.*

— *Se vais conseguir ou não, é problema teu. Fazote encantadora e me pagas por isso — Gullveig argumentou em tom ríspido.*

— *Está certo. Qual é o seu preço?*

— *54 elfos. Estou precisando de escravos.*

*Nienna tornara-se uma elfa cruel, sem compaixão, e não pensou duas vezes.*

— *Aceito. Acordo fechado!*

— *E quando queres que te prepare?*

— *Amanhã, na alvorada — Nienna respondeu entusiasmada. — Visitarei Daeron assim que estiver pronta.*

— *Combinado! — assentiu a feiticeira. — Vestirás uma túnica rosa bordada com madrepérolas, que te dará o poder de encanto das sereias. Contudo, esteja atenta, pois terás somente 3 horas de sedução. Depois a túnica perderá a magia — ela orientou. E retirou-se prometendo voltar no dia seguinte.*

*Enquanto isso, do outro lado do pântano. Daeron e Ireth viviam dias de paz e muita alegria. Era primavera e a floresta estava viçosa e florida. O herdeiro real deveria nascer no outono e a futura mãe preparava o enxoval*

*com dedicação. As elfas da comunidade a ajudavam todos os dias. Ao amanhecer colhiam finíssimas raízes, que eram utilizadas na confecção das roupas; também curti- am as peles para as mantas e agasalhos.*

*O rei se incumbira de mobiliar o quarto para o bebê. Com a ajuda de alguns elfos, montou o berço, as cadei- ras e a cômoda, com galhos, cuidadosamente polidos e amarrados com ervas aromáticas. Faltava somente uma tarefa, mas Ireth deveria fazê-la sozinha. Encontrar na floresta a maçã dourada, abençoada pela deusa Idun, para comê-la quando sentisse as primeiras dores do par- to. Esse ritual garantiria a saúde da mãe e do filho.*

*Por uma infeliz coincidência do destino, Ireth foi ao bosque procurar a maçã no mesmo momento em que a rainha Nienna, escoltada por elfos-soldados, também o atravessava para visitar Daeron. Seus caminhos se cru- zaram.*

*Ireth colhia a fruta quando Nienna se aproximou e cumprimentou-a. — Bom dia!*

*— Bom dia — ela respondeu, sem perceber que era a rainha.*

*— Quem é você? Vejo que carrega um novo ser no ventre — inquiriu Nienna.*

*— Sim, é o herdeiro do rei — respondeu sorrindo.*

*Nienna enrubesceu de ódio ao ouvir aquelas pala- vras, quase não se conteve... Disfarçou, ajeitou a túnica e disse.*

*— Mas que ocasião oportuna encontrar-lhe! Estou indo visitar Daeron.*

*— Ele está lhe esperando? — Ireth perguntou com gentileza, porém, temerosa. Ela havia reconhecido a rai- nha.*

— Não! É uma surpresa! Mas antes de vê-lo tenho algo a fazer — respondeu com malícia.

— Bem... Então até mais tarde — disse a futura mãe enquanto se afastava.

Nienna ficou parada remoendo sua inveja, descobriu o motivo da fogueira — comemorar a chegada do herdeiro. Inconformada e colérica ordenou aos elfos que capturassem Ireth e a trouxessem até ela. E assim eles fizeram. Em poucos minutos, a jovem em prantos estava, novamente, frente a frente com a rainha.

— Daeron me rejeitou por sua causa. E agora você e o filho dele estão aqui, indefesos aos meus pés. Que dia maravilhoso! — exclamou feliz pelo infortúnio da jovem. Dirigiu-se, então, aos elfos. — Levem-na até a beira do penhasco — apontando para um pico, além do pântano, dentro de seu território. — Amarrem-na em um pinheiro com ervas venenosas. A esposa do rei e o herdeiro sucumbirão envenenados e congelados — ordenou a maligna rainha.

Ireth entrou em pânico e desmaiou. Os elfos a carregaram até a beira do penhasco e cumpriram as ordens. A perversa Nienna retornou às suas terras. Não precisava mais seduzir Daeron. Estava satisfeita e comemorou a vingança.

O rei preocupado com a demora da esposa, pediu aos seus súditos que fossem buscá-la. As horas passavam e nenhuma notícia chegava. Ele se desesperou, e também saiu à procura de Ireth. Ninguém conseguiu encontrá-la. A noite passou. A comunidade permaneceu em vigília e os elfos se revezavam na busca.

Um dia sem novidade. Daeron não descansou, suas forças se esgotavam. Ele persistia. Outra noite, mais um

*dia... Até que os elfos o encontraram desfalecido, numa trilha. Trouxeram-no de volta para o castelo. E sugeriram que ele conversasse com Gunnar — um alce forte e destemido que habitava na floresta. Chamaram-no. O rei pediu sua ajuda, e ele se prontificou a colaborar no que lhe fosse possível. Despediu-se e partiu.*

*No penhasco, Ireth voltara a si. Tinha o corpo preso ao tronco de um pinheiro. Uma das mãos estava livre, e assim, pode comer a maçã dourada, que a imunizou do veneno das ervas que lhe prendiam.*

*Sentia-se congelando e orava ao deus Sol, pedindo suas bênçãos de energia e luz, para se manter viva até que alguém a encontrasse.*

*— AAAAiiiiiiii!! Um bicho me mordeu! — gritou Ireth, ao sentir uma picada em suas costas. Esforçou-se para olhar do outro lado da árvore. E surpreendeu-se ao ver um ratinho roendo, avidamente, as ervas atadas à sua mão.*

*— Desculpe a mordida, senhora. Fique tranquila que vou soltá-la.*

*— Onde estou? Não consigo me lembrar do que aconteceu — perguntou Ireth.*

*— Está no território da rainha Nienna, que a sequestrou e encerrou-a, aqui, neste penhasco. Mas vou lhe salvar — respondeu o rato.*

*— Meu filho e eu lhe seremos eternamente gratos.*

*— Não precisa me agradecer, faço isso por mim. Estou me vingando daquela perversa, a Rainha Nienna. Eu era um elfo fiel, no entanto, fui transformado num rato e entregue à serpente Karr.*

*— Sinto-me muito fraca, não sei se vou conseguir caminhar — Ireth se queixou.*

— *Estou quase terminando. Aguenta firme.*

— *Está bem, vou tentar* — *ela respondeu, fechou os olhos e esperou.*

*Ao roer as ervas, o elfo-rato havia se envenenado. Ele estava morrendo, mas antes do último suspiro, murmurou. — Está livre, fuja!*

*Ireth afagou o ratinho e agradeceu. — Obrigada, meu amigo, você morreu por nós. Nos salvou!*

*A jovem levantou escorando-se no pinheiro, e com dificuldade deu o primeiro passo. Sua visão escureceu, ela escorregou e despencou do monte.*

*Seu corpo caía em queda livre quando foi suspenso no ar pelo bico de uma imensa ave branca. Era a coruja, que voou, suave e lentamente, até alcançar as terras de Daeron. Pousou com Ireth num local seguro. Em seguida, voou novamente para chamar Gunnar.*

*O alce aproximou-se da jovem, ajoelhou-se e pediu que ela subisse em suas costas. A coruja ajudou puxando Ireth para cima do animal. E os três vagarosamente, seguiram para o castelo.*

*Foram recebidos pelas famílias dos elfos que oravam em frente ao grande carvalho. A vigília se transformou em comemoração. Daeron carregou Ireth no colo até o quarto, cuidou dela e ficou ao seu lado até que ela adormecesse. Foi, então, ter com seu povo.*

*Contou-lhes que a esposa e o bebê estavam bem. Agradeceu a todos pela dedicação, e homenageou os dois responsáveis pelo resgate de Ireth. Nomeou o alce Gunnar, guardião do reino. Acolheu a coruja e lhe deu o nome de Sparing. Desse dia em diante Gunnar e Sparing tornar-se-iam amigos inseparáveis e fiéis defensores do território e do povo do rei Daeron.*

*No início do outono, Ireth concebeu Ivar — um elfo lindo e saudável. Nesse dia receberam a visita de Idun, deusa da saúde, que os presenteou com dois amuletos de proteção — pingentes de madeira com uma cruz entalhada. Mãe e filho deveriam usá-lo sempre, a fim de se defender, pois a maligna rainha não desistira de sua vingança e certamente faria planos para tentar aniquilá-los.*

*O reino de Daeron viveu uma década de paz e felicidade. Entretanto, a vingança não terminara... Os ataques e armadilhas de Karr e Nienna recomeçaram. A população de elfos era dizimada, dia após dia.*

*Passados oito anos de sofrimento, o rei Daeron, desesperado, pois não conseguia proteger seu povo, pediu auxílio ao deus da justiça — Forseti. E este lhe propôs um acordo: "Há uma missão que precisa ser cumprida, transformarei seu filho, o príncipe Ivar em meio humano, para realizar essa tarefa. Em troca, lhe darei a conhecer uma bela jovem humana. Eles se casarão e trarão a vida de volta à floresta de Nesbyen".*

*O rei aceitou o acordo. Ivar estava com 18 anos, agora era um elfo/humano e partiu à sua missão — entregar um pergaminho à baronesa Gerda Brienstad, numa longínqua região.*

*O acordo foi cumprido, o príncipe entregou o pergaminho, conheceu Lys e se apaixonou. Casaram-se sete luas depois e viajaram para Nesbyen levando os pais da jovem para morar com eles.*

*Ao chegarem à floresta... A surpresa.*

*— Ivar, onde está sua casa? — perguntou Lys.*

*— Bem ali — respondeu ele, apontando para um imenso carvalho a poucos metros de distância.*

*— Mas é uma árvore! — exclamou a jovem.*

— *Sim, uma grande e confortável árvore — ele respondeu orgulhoso.*

— *Você está brincando comigo?*

— *Venha conhecê-la. Você vai gostar! — Ivar disse abraçando a esposa, guiando-a até o carvalho.*

*Lys não estava entendendo, nada! Nem seus pais, paralisados, ao lado da carruagem que os trouxera.*

— *Ivar, eu nunca morei numa árvore, estou acostumada com casas, que tem paredes, portas, janelas e teto — ela argumentou receosa.*

— *Você vai se acostumar — disse ele. — Venha!*

*Entre as raízes do carvalho, havia uma abertura, onde se via uma escada de pedras que descia ao subterrâneo. E assustada Lys gaguejou.*

— *Isso é uma toca...*

— *Não! É nossa casa! É aqui que nós vamos viver de hoje em diante.*

— *Mas não é mesmo — ela retrucou.*

*E o jovem insistiu. — Vamos, entre. Desça comigo.*

— *Está bem, vou conhecer. Mas não vou morar aqui — disse decidida.*

*O casal desceu os degraus. Ivar puxava a esposa receosa e descrevia-lhe o local.*

— *Esta é a sala principal, à direita está a cozinha, e o corredor em frente dá acesso aos quartos. As cortinas são tecidas com raízes e folhas entrelaçadas. O chão é forrado de musgo — refresca no verão e aquece nossos pés no inverno. Os móveis foram feitos com galhos. As cadeiras e o sofá têm almofadas de pele de carneiro. Experimente, sente-se, é macio — ele disse mostrando o sofá. Lys hesitou, mas atendeu a sugestão do jovem e acomodou-se.*

— *Sim, é confortável — olhou ao redor, estranhando o ambiente e perguntou. — O que há dentro dessas arandelas na parede? Você não usa velas?*

— *São pirilampos, insetos que emitem luz. Eles não estão presos, entram e saem livremente — Ivar explicou.*

— *Insetos para iluminar? — perguntou intrigada e continuou. — Meu esposo, diga-me por que vive neste buraco embaixo de uma árvore, rodeado por bichos?*

*O jovem precisava contar sobre sua natureza — meio humana, meio elfa —, mas temia a reação de Lys e mudou o rumo da conversa. Aquele não era o melhor momento. O assunto era delicado e ele devia prepará-la para entender e aceitar a situação.*

— *Seus pais estão lá fora, logo vai escurecer, é melhor irmos buscá-los.*

— *Está bem, mas ficaremos aqui somente hoje, amanhã vamos procurar uma outra casa — disse a jovem esposa enquanto subia as escadas.*

*Svan e Eilen, os pais de Lys eram pessoas simples e pensaram que Ivar era muito pobre, por isso vivia sob uma árvore. Logo que o casal se aproximou, Svan lhes disse.*

— *Não se preocupem, amanhã cedo vou procurar material pelos arredores e, juntos, vamos construir uma nova casa.*

— *Obrigada, meu sogro! Mas acredito que se acostumarão com o que tenho a lhes oferecer — disse Ivar.*

— *Meu pai está certo. Vamos começar a construção de uma casa. Não sou coelho para morar em toca — Lys afirmou em tom áspero, enquanto ajudava-os carregar a bagagem para a nova moradia.*



*Ivar os levou aos quartos para que se alojassem. Em seguida, ofereceu-lhes maçãs e preparou um chá com frutas silvestres. A viagem fora longa, todos estavam cansados, e após a refeição foram dormir.*

*Na manhã seguinte duas elfas apareceram trazendo um jarro com leite.*

*— Bom dia, príncipe! — cumprimentaram em uníssono.*

*— Bom dia, amiguinhas! O que fazem aqui, tão cedo?*

*— Seu pai, o rei Daeron, pediu-nos para lhe trazer leite e convidá-lo para almoçar com ele.*

*— Muito obrigado! Digam-lhe que eu e minha nova família estaremos lá ao meio-dia.*

*As elfas se despediram e saíram. Lys já havia acordado e pôde ouvir um pouco da conversa entre Ivar e as elfas, e o questionou.*

*— Seu pai é um rei? Então você é um príncipe?*

*— Sim, sou um príncipe...*

*Interpelando o marido, intrigada, Lys continuou.*

*— Por que escondeu isso de mim? E se é um príncipe, por que mora neste lugar? Onde está o seu palácio?*

*— Bem... Minha querida... Vou lhe contar — o jovem disse timidamente, temendo a reação da esposa.*

*— Estou esperando — ela disse sentando no sofá. — Pode começar!*

*Ivar ajoelhou-se perto dela, tomou-lhe as mãos e iniciou sua história. A expressão perturbada de Lys foi serenando a cada palavra que ouvia. Seus lábios, agora, esboçavam um doce sorriso, e enfim, de seus olhos lágrimas rolaram quando o jovem terminou de contar seu segredo.*

— *Perdoe-me, querida esposa. Dê-me seu perdão — suplicou o príncipe beijando-lhe as mãos.*

*Lys beijou o esposo e emocionada respondeu.*

— *Eu que lhe peço perdão, pelas palavras rudes e por desdenhar de sua morada. Agora posso entendê-lo. E me sinto muito honrada por ter sido a escolhida.*

— *Eu a amo Lys. Com a bênção dos deuses teremos muitos filhos e traremos de volta alegria e ventura à floresta de Nesbyen.*

— *Amo você meu príncipe — ela disse abraçando Ivar com ternura. — Vou falar com meus pais e continuaremos morando aqui.*

— *Espere, você e seus pais são humanos e devem viver conforme suas tradições — ele argumentou.*

— *Construiremos uma casa para meus pais — Lys sugeriu.*

— *Como você desejar, minha princesa. Porém, temos de nos preparar para a chegada de nossos filhos. Não podemos prever se serão humanos ou elfos.*

— *Sim, entendo. De qualquer forma, por enquanto nós dois viveremos aqui, quero aprender seus costumes, e ser quase uma elfa — ela disse sorrindo.*

*Ivar pediu a Lys que conversasse com seus pais, enquanto ele preparava a primeira refeição. Ela foi ter com eles e contou-lhes sobre a natureza do esposo. O humilde casal compartilhou da felicidade da filha, porém, a notícia os deixou preocupados. Afinal, eles não eram nobres, não sabiam como se comportar diante do genro e sua família.*

*E quando se depararam com o príncipe na cozinha, lhe fizeram reverência baixando a cabeça, e ficaram aguardando a ordem para se sentar à mesa.*

*Ivar aproximou-se deles, abraçou-os e pediu-lhes que o tratassem como um filho. Convidou-os, então, para sentar e Lys serviu-lhes o leite e as frutas. O medo de ser rejeitado pela esposa havia passado. Sem segredos, o príncipe meio elfo, meio humano se sentiu tranquilo e feliz.*

*Na hora marcada, Ivar e sua nova família foram almoçar com o rei.*

*Um riacho de água cristalina rodeava a grande árvore. Atravessaram a pequena ponte, quatro elfos os receberam e os levaram à presença de Daeron e sua esposa Ireth, no castelo subterrâneo. Eles estavam ansiosos para rever o filho e conhecer a jovem esposa.*

*Após as apresentações e cumprimentos, a refeição foi servida. O ambiente era alegre e acolhedor. Depois da sobremesa, o rei chamou Ivar para uma conversa reservada, enquanto Ireth levou Lys e os pais para conhecer o palácio.*

*— Meu filho, estou feliz com sua união. Os deuses lhe escolheram uma bela esposa. Tenho certeza que trarão a felicidade de volta à nossa floresta.*

*— Sim, meu pai, cumprimos os desígnios.*

*— Ivar, esteja sempre muito atento, pois a rainha Nienna e a serpente Karr já devem saber que você retornou — advertiu o rei.*

*— Meu pai, quando ficaremos livres dessa perseguição? Estou farto das maldades que assolam nosso povo — ele perguntou amargurado.*

*— Não sei, Ivar. Não sei. Mas é certo que o bem vencerá o mal.*

*— Quando? Diga-me? — o príncipe insistiu.*

*— Essa resposta só os deuses têm e no momento*

*oportuno saberemos também — Daeron respondeu tentando acalmar o filho.*

*— Sim, meu pai e até esse dia...*

*O rei interrompeu.*

*— Até esse dia lutaremos para defender nosso povo. Fique alerta, use sempre seu amuleto, preste atenção aos sinais da natureza. Vigie e não confie cegamente nos seres que encontra. A maldade sempre vem disfarçada.*

*— Estarei atento! — disse o príncipe com firmeza.*

*— Designei seis elfos guardiões para acompanhar sua esposa e seus sogros. Os humanos são presas fáceis. Avise-os sobre os cuidados que devem ter quando andarem na floresta.*

*— Eu os avisarei, meu pai. Eles serão cuidadosos.*

*— Muito bem, Ivar — concluiu o rei. — Vamos nos juntar aos convidados.*

*Pai e filho os encontraram no jardim interno, sentados nos bancos ao redor da fonte ouvindo Ireth, que lhes contava sobre a comunidade elfa e a vida na floresta de Nesbyen. O rei aproveitou para planejar com Svan e Eilen a construção de uma casa, típica de humanos, próxima ao carvalho de Ivar. Assim, eles viveriam perto de Lys, guardando seus costumes.*

*No dia seguinte, os elfos carpinteiros iniciaram os trabalhos. Em um mês o casal mudou-se para a casa nova. A ocasião foi comemorada com um jantar preparado por Eilen — coelho assado, pão, legumes cozidos e torta de maçã. Ela não sabia que elfos não comiam carne.*

*O rei Daeron e Ireth ficaram indignados quando viram um animal morto sobre a mesa e se recusaram sentar. O filho apressou-se em desculpar os anfitriões*

*pela falha, explicando-lhes que humanos são onívoros. Envergonhada, a sogra, rapidamente, sumiu com o assado.*

*Logo o ambiente voltou ao normal. Contudo, Lys não estava bem e sentiu-se mal após a refeição. Ivar se preocupou, no que foi confortado pelas duas mães presentes.*

*— Lys está grávida! — anunciaram Ireth e Eilen.*

*O rei levantou-se e brindou.*

*— Aos deuses, que abençoaram meu filho e minha nora! Que seja bem-vindo o primeiro herdeiro!*

*Ivar tirou do pescoço o amuleto de proteção, ofertado pela deusa da saúde no dia de seu nascimento, e colocou-o na esposa.*

*— Use sempre este pingente, abençoado pela deusa Idun. Ele lhe protegerá contra toda a maldade.*

*Os meses passaram...*

*Lys acordou sentindo as primeiras contrações do parto, e chamou o marido.*

*— Nosso filho vai nascer! Avise nossas mães.*

*— Aguarde firme, minha princesa — disse Ivar. Beijou-a e saiu às pressas.*

*Ao entardecer nasceu Magna — uma elfa pequenina de cabelos negros como a mãe.*

*O rei Daeron convocou seu povo para a celebração natalícia. No céu uma imensa lua prateada, saudava o bebê, iluminando toda a clareira. Orgulhoso, Ivar com Magna nos braços caminhou entre as famílias de elfos. Todos compartilharam da felicidade do jovem príncipe.*

*Em dado momento, o rei pediu a atenção de todos e discursou:*

*— Neste dia abençoado, quero pedir licença aos*

*deuses e ao meu povo para passar minha coroa. Ivar será, de hoje em diante, o nosso rei e Lys a nossa rainha. Minha missão foi cumprida. Começamos um novo tempo!*

*E um brilhante arco-íris surgiu no céu derramando milhões de estrelinhas multicores sobre a clareira. Os elfos aclamaram o novo rei. Ivar surpreso com a notícia ajoelhou-se aos pés do pai e o agradeceu. Recebeu a coroa e sua bênção.*

*Nos seis anos seguintes todo o reino foi agraciado com fertilidade pelo deus Freyr. A população de elfos cresceu. Lys concebeu sete filhos e a prole do Rei Ivar constituiu-se assim: Magna, a primogênita-elfa; Vegard, o segundo filho-humano; Hammer, o terceiro filho-elfo e primeiro sucessor do rei; Rona, a quarta filha-humana; Trine, a quinta filha-humana; Ingmar, o sexto filho-elfo, segundo sucessor do rei; e Edda, a filha caçula-elfa.*

*No inverno a floresta tornava-se branca. Nevava diariamente, algumas árvores arqueavam seus galhos para derramar o gelo que se acumulava sobre elas. A paisagem era sombria.*

*Do outro lado do pântano, a rainha Nienna cancelara a festa de sete anos de seus gêmeos, Arafín e Merena, um elfo e uma elfa, frutos da quarta união, para preparar a celebração do seu quinto matrimônio. Mais uma vez, havia conquistado um humano inepto e ganancioso. Os anteriores foram servidos, sem compaixão, à serpente Karr. Seus filhos, também recebiam tratamento impiedoso, como meros súditos. Pois, para desgosto da rainha, os elfinhos eram do bem, iluminados.*

*Naquela tarde, Nienna ordenou a dois elfos que fossem até as terras de Daeron roubar três carneiros*

*para servir na festa. Quando lá chegaram, os estabanados gatunos assustaram os animais. O jovem rei Ivar ouviu o balido e foi ver o que estava acontecendo. Surpreendeu os elfos laçando um carneiro e gritou.*

*— Quem são vocês? — E caminhou apressado até eles.*

*— Somos elfos de Nienna — respondeu um deles zombando do rei.*

*— Soltem o animal! — ele ordenou. — Sumam daqui!*

*— Estamos indo, mas vamos levar este aqui — disse o outro elfo enquanto apertava a corda no pescoço do pobre carneiro.*

*Ivar se aproximou e os elfos dispararam arrastando a presa. Ele correu atrás deles até a margem do pântano. Quando os dois gatunos perceberam que não teriam tempo de atravessar com o animal, o largaram. Pularam até a outra margem e sumiram no bosque.*

*Karr estava à espreita e deu um bote sobre o carneiro indefeso. Ivar chegou e se atracou com a serpente, que rapidamente enrodilhou-se no corpo dele. A coruja Sparing, que o acompanhava, fincou suas garras na cabeça da serpente e bicava-lhe os olhos. Mas Karr não desistiu e apertou até Ivar desfalecer. Então, soltou seu corpo inerte. Com as vistas jorrando sangue, vociferou. — Perdi a visão, intrépida coruja, mas eu continuo viva. O seu rei está morto!*

*— Impossível! — ela retrucou piando. — Elfos são imortais!*

*— Ele era meio humano e não usava o amuleto de proteção! — gritou a serpente. — Vá coruja e anuncie: Karr matou o rei Ivar!*

*Sparing desesperada piava e abanava as asas sobre Ivar, tentando reanimá-lo. O alce guardião ouviu-a e foi procurá-la. Quando os encontrou, já era tarde. Gunnar soltou um bramido longo e melancólico, que ecoou por toda a floresta, anunciando a morte do rei.*

*O povo de Daeron, consternado, sepultou Ivar e permaneceu em luto até o final do inverno. A malévola Nienna festejou.*

*No início da primavera a viúva Lys foi até o túmulo do marido, um pequeno jardim circundado por pedras, construído por seus filhos. Sentou-se ao lado da lápide e desabafou com o amado. Ela estava apreensiva, não era elfa, mas humana e deveria assumir o reino. Temia a reação da comunidade. E enquanto segredava seu lamento, um redemoinho emergiu da terra à sua frente, e dele ergueu-se Forseti, o deus da justiça.*

*Lys nunca recebera a visita de uma divindade e estremeceu ao vê-lo.*

*— Céus! O que é isso? — Levantou-se.*

*A divindade aproximou-se, colocou a mão sobre sua cabeça e profetizou:*

*— Lys não temas a responsabilidade de tua coroa. Governarás teu povo com sabedoria e serás respeitada. Teu reino será glorificado pela paz. Porém, terás de vencer a adversidade e a iniquidade dentro de teu próprio lar. Não esmoreças, persevera! Encontrarás o conforto e a força em ti mesma. Os deuses estarão ao teu lado. Tu és abençoada. Vá e cumpra teu dever de mãe e rainha.*

*Antes que ela pudesse falar, a divindade desapareceu. Ela ajoelhou-se e chorou. Chorou...*

*O trinado dos pássaros, que se recolhiam aos ninhos, a alertou. Entardecia, e ela retornou ao palácio.*



*Convocou uma reunião com o povo elfo para a tarde do dia seguinte.*

*Ao lado do sogro Daeron, Lys apresentou-se à comunidade como rainha e prometeu cuidar do reino com dedicação e amor, tal como o saudoso Ivar, que perdera a vida para salvar um carneiro do rebanho. Aproveitou o encontro para anunciar o futuro herdeiro da coroa, que de acordo com a tradição, deveria ser um elfo. E assim, Hammer o terceiro filho, mas primeiro elfo, seria seu sucessor. A notícia foi recebida com júbilo. O povo saudou a rainha com danças e canções. No entanto, a notícia não agradou seus filhos humanos. Eles se sentiram preteridos e uma guerra velada foi declarada entre os irmãos.*

*Vegard o primogênito humano, com sete anos, revoltou-se contra a mãe. Tornou-se frio e arrogante, mas protegia Rona e Trine — as irmãs humanas —, enquanto os três irmãos elfos, Hammer, Ingmar e Edda eram tratados como escravos. Ele só respeitava Magna a irmã-elfa mais velha que percebia a discriminação; brigava com o irmão e reclamava com a mãe. Contudo, Lys não enxergava crueldade nos atos do filho e apaziguava os ânimos. O tempo foi passando e o relacionamento entre os irmãos deteriorando a cada dia. Vegard dominava os menores e incitava-os à discórdia.*

*Certa vez, ele acusou Hammer de roubar suas botas, era mentira. Chamou os irmãos menores e ordenou que eles levassem o acusado até o bosque para que fosse punido pelos deuses. Sem que a mãe e Magna percebessem, os pequenos saíram carregando o elfinho. Caminharam até os arredores da caverna dos morcegos, e lá Vegard mandou que pendurassem o irmão pelos pés no galho de um salgueiro.*

— *Eu sou inocente! Deixem-me em paz — suplicava Hammer.*

— *Você é um mentiroso! Roubou minhas botas, e vai pagar por isso — gritava o mais velho enquanto verificava as amarrações. — Está muito bom. Os morcegos terão uma bela refeição.*

*Vegard subornara os irmãos menores com frutas e presentes, pedindo em troca o silêncio deles, que voltaram para o castelo, deixando Hammer à mercê da sorte.*

*Na hora do jantar, Lys deu pela falta do filho. De imediato Vegard comentou que Hammer passara a tarde com eles brincando no lago.*

— *Mas ele não voltou com vocês? — perguntou a mãe.*

— *Sim, voltou, deve estar lá fora — respondeu o filho, se fazendo de sonso.*

— *Bem, então jantem, que vou procurar por ele — ela disse.*

— *Não se preocupe, minha mãe. Ele não é um elfo esperto? Daqui a pouco aparece — disse Vegard com ironia.*

*Magna que já percebera a natureza perversa do irmão, interveio no diálogo.*

— *Mãe, eu vou procurá-lo. Volto logo — disse preparando-se para sair.*

— *Você gosta de se intrometer. Hammer é bem esperto e sabe se cuidar — o irmão replicou.*

— *Não se meta! Vou atrás dele — Magna disse decidida e saiu.*

*Os pequenos se entreolharam, estavam assustados. Vegard percebendo a inquietação gritou.*

— *Comam! Estão com cara de esfomeados.*

*Lys estava apreensiva, mas acalmou os filhos e jantou com eles.*

*Magna começou a busca por Hammer nos arredores da grande árvore, e foi se afastando. Anoitecia.*

*Os pinheiros e abetos formavam uma densa cobertura, o luar pouco iluminava as trilhas do bosque. Ela se perdeu. Aflita pediu ajuda às divindades.*

*Logo foi atendida por Verdandi, a deusa do Tempo presente. Ela surgiu da escuridão, vestia uma longa túnica dourada, se aproximou e disse à elfa.*

*— Vou socorrê-la. Siga-me e encontrarás o teu irmão, que necessita de ti neste exato momento.*

*— Onde ele está?*

*A divindade não lhe respondeu e caminhou. Magna a seguiu, silenciosa. O trajeto parecia interminável, um longínquo ruído tornava-se, a cada passo, mais próximo.*

*— Farfalhas! — ela reconheceu o som.*

*Subitamente, a deusa Verdandi sumiu. A elfa avistou centenas de morcegos atacando alguma coisa num galho de árvore. Gunnar parado embaixo, também era alvo do ataque. E Sparing, obstinada, batia as asas sobre os pequenos vampiros tentando afugentá-los.*

*Magna gritou e correu até a árvore. Viu Hammer pendurado. Agarrou um galho e o balançou até esgotar suas forças. Os morcegos se dispersaram. Ela caiu. Quando olhou para Gunnar viu sangue escorrendo sobre seu dorso, e viu o irmão suspenso no galho, ensanguentado e inerte. Levantou-se, ainda zozza, com a ajuda da coruja soltou Hammer. Deitou-o sobre o dorso do alce e abraçando-o caminhou junto deles de volta para o castelo. Sparing seguiu na frente, pousou no carvalho e começou a piar. Lys a ouviu e saiu.*

— *O que houve minha amiga? Por que está aflita?*  
— *A rainha perguntou e de imediato respondeu. — Hammer! Ele sofreu um acidente!*

*Os filhos ouviram e saíram atrás da mãe. Vegard foi o último, e estampava um cínico sorriso.*

— *Será que encontraram o fujão?* — *perguntou aos outros. Todos o ignoraram.*

*Sparing indicou o caminho para Lys, que logo encontrou os filhos e Gunnar. Ela pediu à coruja que chamasse Daeron e Ireth. Os avós receberam o neto e cuidaram dele com ervas e poções mágicas.*

*Hammer voltou a si na manhã do dia seguinte e pôde contar o acontecido, mas sua recuperação levaria tempo; os morcegos haviam esfaqueado suas pernas e braços. Daeron imaginara que a armadilha fosse outro ato de vingança da rainha Nienna, e ficou surpreso ao saber que o responsável fora Vegard.*

*Após o perigoso e maldoso episódio, Lys reuniu os filhos para conversar. Os menores delataram o mentor, que se defendeu prontamente. Disse que sua intenção fora somente assustar o irmão, que havia lhe roubado as botas. Magna, porém, desmascarou-o mostrando a todos que as botas da família continuavam no mesmo lugar, inclusive o par de Vegard. Arrogante, ele insistia na mentira. No entanto, pressionado pela mãe, o garoto confessou...*

— *Eu odeio Hammer! Odeio todos os elfos! Eu sou o filho mais velho! Por direito mereço ser o primeiro sucessor. Eu serei o rei! Eu serei o rei!* — *Vegard gritou descontrolado.*

*Decepcionada, Lys recordou-se das palavras do deus Forseti — adversidade e iniquidade no lar —, e pôde*

*compreendê-las. Seu filho fora dominado pela inveja e cobiça. Contudo, naquele momento, ela não o castigou, apesar da gravidade do ato. Ficou atenta.*

*O tempo passava e a situação ia se agravando. O menino Vegard com 12 anos era temido por todos. Por decisão da mãe, ele se mudara para a casa dos avós maternos, o que não melhorou sua conduta. O filho continuava um problema para a rainha. A tendência maligna parecia incontrollável. Além do ódio e hostilidade com os irmãos, ele maltratava os elfinhos da comunidade e sacrificava animais.*

*Lys acreditava na recuperação do filho. Muitas vezes ela o punia, mas em seguida conversava com o menino incentivando-o à reflexão. Vegard era soberbo, mau e debochava da mãe.*

*O menino também não respeitava os avós Svan e Eilen, e parou de acompanhar o avô no serviço de rotina. Sumia de casa bem cedo e voltava somente ao anoitecer. Inquirido pela mãe, sobre o que fazia durante o dia, ele contou-lhe que procurava pedras e plantas para sua coleção. Ele mentia.*

*Na verdade, Vegard havia feito amizade com a serpente. Ele se aproximara dela, levando-lhe ratos e lebres de presente. A astuta Karr conseguira um aliado tolo, e aos poucos doutrina o menino.*

*— Esse estúpido me será muito útil. Vai me ajudar a retomar a floresta de Nesbyen — ela dizia confiante.*

*Magna suspeitava do irmão. Ela nunca acreditara na história da coleção de pedras e plantas. Segredou sua inquietação a Hammer e os dois resolveram segui-lo.*

*Alguns dias depois, quando Vegard saiu pela manhã, eles foram atrás. O menino percebeu a presença*

*dos irmãos e mudou de direção. Caminhou até a divisa do território, onde o pântano estreitava e era possível ver as terras da rainha Nienna. Sentou-se numa pedra e ali ficou contemplando a paisagem para despistar os dois.*

*Magna e Hammer esconderam-se atrás de um pinheiro e vigiavam-no quando viram do outro lado da margem dois jovens elfos, como eles, se aproximando.*

*Vegard, também os avistou, levantou-se e gritou.*

*— Hei! Quem são vocês? Nunca os vi por aqui.*

*— Nós também não lhe conhecemos — respondeu o elfo.*

*— Qual seu nome? — perguntou-lhe a elfa.*

*— Vegard. E vocês?*

*— Sou Arafín e esta é minha irmã Merena.*

*— O que fazem por aqui? — perguntou o menino.*

*— Moramos aqui — respondeu Arafín. — Somos filhos da rainha Nienna.*

*— Ah! E eu sou filho do rei Ivar.*

*— Nossas famílias são inimigas, eu acho — disse Merena. E o irmão argumentou.*

*— É uma briga do passado, mas podemos ser amigos. O que acha?*

*— É... Talvez... Quem sabe... — respondeu Vegard com desinteresse. — Agora preciso ir. Até qualquer dia — despediu-se enquanto virava de costas e saía dali.*

*Os dois elfos ficaram olhando o menino se afastar. Magna e Hammer ainda espreitavam e não resistiram. Correram até a margem e se apresentaram.*

*— Oi! Somos irmãos de Vegard, ouvimos a conversa — disse a elfa sorrindo. Ela se encantara com o elfo.*

*— Prazer em conhecê-los — respondeu Arafín e sorriu também.*

— Meu nome é Hammer e ela é Magna — adiantou-se o pequeno apresentando-os.

— Muito prazer — disse Merena. — Nossa mãe, a rainha Nienna, nunca nos contou sobre vocês.

— A nossa também não — confessou Hammer e virando-se para a irmã questionou. — Por que será?

Magna não ouviu, pois tinha o olhar fixo em Arafin, no que era correspondida. E o elfinho insistiu. — Estou falando com você, Magna!

— O quê? Nossas famílias são inimigas há décadas — ela respondeu.

E Arafin contestou. — Nossos pais são, mas nós podemos ser amigos.

— Sim, podemos! — a elfa disse. — E acho mais prudente mantermos nosso encontro em segredo.

— Concordo — disse o elfo.

Hammer e Merena também concordaram. Antes de se despedirem, marcaram um novo encontro para a semana seguinte.

Magna e o irmão ficaram tão felizes com os novos amiguinhos que se esqueceram de continuar a investigação sobre Vegard.

Do outro lado do pântano, Nienna em lua-de-mel pela sexta vez, não notou a euforia de seus filhos. Entretanto, sua escudeira a aranha Krabbe, percebeu e sondou os elfos. Eles nada lhe revelaram. Ela não desistiu e passou a vigiá-los.

No dia marcado para o encontro, Arafin e Merena levantaram cedo, se arrumaram e saíram. A aranha os seguiu. Pelo caminho, o elfo colheu flores e a irmã, frutinhas silvestres. Quando chegaram à margem os amigos já os esperavam do outro lado. Felizes se cumprimentaram,

*e Arafín ofereceu as flores a Magna. Ela agradeceu o presente, mas não podia recebê-lo. O pântano os separava, ainda que a distância entre as margens fosse pequena.*

*— Jogue-as pra mim — ela pediu.*

*— Está bem, aí vai — respondeu o elfo enquanto atirava as flores, que caíram no lodo.*

*Lamentaram o incidente e Hammer teve uma ideia.*

*— Vamos construir uma ponte?*

*— Pode ser perigoso — argumentou Merena da outra margem. — Se alguém descobrir seremos castigados — disse desapontada.*

*— E se a ponte for móvel? — Hammer insistiu. — Quando não estivermos aqui, ela ficará escondida. O que acham?*

*— Acho uma boa ideia — disse Arafín. — Eu farei a ponte. Concordam?*

*— Sim!!! — Magna respondeu por todos.*

*— Combinado! No próximo encontro já estará pronta — noticiou o elfo.*

*Bateram palmas e comemoraram. A pequena ponte era o início da aliança entre as famílias inimigas. Merena atirou as frutinhas aos amigos, eles retribuíram com outras, e assim se divertiram naquela manhã, ainda que, separados pelo pântano.*

*Krabbe assistiu tudo e correu ligeira para informar a rainha. Ela não lhe deu ouvidos e empurrou-a, deixando a escudeira irritada. A aranha recolheu-se à teia e ficou remoendo o assunto. Não era a primeira vez que Nienna a tratava com descaso. Fora sempre preterida, apesar da lealdade e dedicação.*

*— A rainha passou dos limites — bufou a aranha.*



— *Vai me pagar muito caro!* — *E decidi que daquele dia em diante seria aliada de Arafín e Merena.*

*Nos dias que se seguiram ela se aproximou deles. Ouviu a conversa entre o elfo e a irmã sobre a construção da ponte e ofereceu-lhes ajuda. Eles estranharam a iniciativa, mas aceitaram a presença de Krabbe na empreitada. Os dois irmãos recolheram galhos e raízes, enquanto seguiam para a margem do pântano. Chegando ao local, Arafín colocou os tocos em fila, no chão. Emendou um a um com as plantas. As amarrações pareciam firmes, porém quando instalou a ponte sobre o lodaçal e tentou andar sobre ela, algumas raízes romperam e ele quase se acidentou.*

*A aranha pôde então contribuir. Teceu teias sobre os nós, e assim as emendas ficaram firmes. Os elfos elogiaram e agradeceram o trabalho dela, que feliz pelo reconhecimento e carinho dos jovens, jurou-lhes lealdade. A atitude de Krabbe deixou-os confiantes e então, Arafín segredou-lhe o plano para os encontros, e ela lhes confessou o porquê da aproximação. Selaram assim, uma nova amizade.*

*A ponte estava pronta e seria usada na semana seguinte. Esconderam-na sob os arbustos e os três, felizes com o sucesso da operação, voltaram para o palácio. No entanto, o segredo não lhes era exclusivo. Vegard do outro lado do pântano assistira tudo.*

— *Atravessar!!! Era tudo o que eu queria!* — *ele exclamou. — A ponte já existe, só preciso que alguém a coloque no lugar.*

*E correu pela margem chamando a amiga.*

— *Karr! Karr! Tenho novidades!*

*Mais adiante, a serpente emergiu do lodo.*

— *Quem me chama? — ela resmungou.*  
— *Tenho novidades!*  
— *Ah! é você, futuro rei! Novidades? Não estou sentindo cheiro de comida — ela disse com descaso.*  
— *Não é caça, é algo muito melhor! — anunciou Vegard.*  
— *O que pode ser melhor do que carne fresca? — a serpente questionou.*  
— *Vou lhe contar... — ele disse enquanto se sentava numa pedra.*  
— *Narrou a cena que presenciara momentos antes.*  
— *Bem... Eu não preciso de ponte alguma! — Karr concluiu com desdém.*  
— *Mas eu preciso! — o menino disse convicto. — Quero conhecer o território de Nienna. Tenho planos...*  
— *Que planos meu jovem?*  
— *Vou atravessar e me aproximar da rainha, ganhar sua confiança e depois, casarei com a herdeira.*  
— *Casar com Merena? Para quê?*  
— *Expandir meu reino! — Vegard respondeu com soberba.*  
— *Que reino? Você ainda não tem nada! — manifestou a serpente com sarcasmo. — Essa cobiça vai lhe custar a vida!*  
— *Talvez custe a sua! Você é uma serpente idiota! Nossa amizade acaba aqui. Não preciso mais de você — disse o menino, irado, enquanto se afastava.*  
— *A serpente cuspiu e voltou às profundezas do lodo.*  
— *Vegard ficou muito satisfeito e eufórico com a descoberta da ponte, no entanto, não sabia para o quê ou a quem ela fora construída. E desde esse dia, quando não estava maltratando animais ou elfinhos, ele se escondia*

*numa toca para traçar o seu ambicioso plano, conhecer a rainha e se casar com Merena. Às vezes perambulava pela floresta, mas longe do pântano, pois temia a serpente, agora sua inimiga.*

*Enquanto isso, seus dois irmãos e os filhos de Nienna usavam a frágil estrutura para os encontros semanais, sempre sob a vigilância e proteção da fiel aranha Krabbe. Arafín enamorou-se de Magna e Merena de Hammer. Os jovens elfos sonhavam com a paz entre os reinos.*

*O tempo passava...*

*Lys era uma rainha dedicada e trabalhadora. A comunidade elfa prosperava. As terras estéreis haviam se transformado em belos canteiros coloridos, com flores, frutas e legumes, o que atraía muitos pássaros e pequenos animais. A floresta emanava vida e alegria. As famílias cresciam. Os elfos, agora, tinham certeza que sua rainha humana fora apadrinhada pelos deuses.*

*Porém, dentro da própria casa, Lys enfrentava a maldade de Vegard, o primogênito humano. Ela aceitava resignada sua sina, mas perseverava tentando resgatá-lo do mundo sombrio em que ele se encerrara. Os outros filhos Magna, Hammer, Ingmar e Edda, elfos; e Rona e Trine, humanas não lhe causavam problemas. Todos eram seres do bem.*

*Certa manhã, Lys e Magna foram ao pomar, enquanto colhiam maçãs, Lys comentou.*

*— Filha, você está com 15 anos, já é a hora de encontrar um amor e se preparar para o casamento.*

*— Amor? Ahhh... Eu já encontrei o amor, mãe!*

*— Encontrou? Então me conte, quem é o felizar-do? — perguntou a rainha sorrindo.*

*— Bem... Mãe... É uma história comprida e um*

*pouco complicada.*

— Certo, mas quero saber. Estou curiosa — disse Lys procurando ao redor um lugar para sentarem. — Ali, filha, vamos sentar e conversar — e apontou um velho tronco.

Magna contou à mãe sobre os filhos de Nienna, como ela e Hammer os conheceram e sobre os encontros. Lys não censurou a filha, contudo, ficou muito preocupada com a situação e a segurança deles.

As duas terminaram a colheita e voltaram ao palácio, sem se dar conta de que Vegard estava por perto e ouvira tudo. Ele ficou raivoso, revoltado e transtornado.

— Hammer tomou meu lugar na sucessão do trono e agora toma minha futura esposa, Merena? Isso é demais! Eu vou matá-lo!

O jovem alucinado desembestou pela floresta. Correu tanto que caiu desfalecido com as pernas e pés machucados. Sangravam. Amanhecia quando Vegard foi acordado pelo uivo dos lobos que o rodeavam. Preparavam-se para atacá-lo. Ele gritou! Gritou por socorro! E foi surpreendido por uma voz feminina.

— Hei bebês! Parem com isso! Não percam tempo com essa mísera carne!

Os lobos mansamente se afastaram.

— Quem é você? — perguntou o jovem apavorado, os olhos arregalados e fixos na imagem. Uma mulher alta de cabelos vermelhos, vestida de negro e cheia de joias.

— Eu pergunto! Quem és tu?

— Sou Vegard, filho da rainha Lys. — Ele tremia.

— Ah! Sei, já ouvi falar de ti. O talzinho que pretende ser rei.

— *Eu vou ser o rei!* — ele afirmou enquanto se levantava. — *Aiiii, meus pés doem!* — reclamou.

— *Tu não sabes se serás rei. Mas talvez, eu possa te ajudar. Aliás, sou Gullveig, a feiticeira!*

*Ambicioso, Vegard interessou-se e questionou.*

— *Verdade? Então me diga: o que pode fazer?*

— *Primeiro um acordo!* — respondeu enfática.

— *Aceito, pode propor o que quiser!*

— *Calma jovem, tu não sabes o que desejo em troca.*

— *Não importa. Aceito qualquer acordo. Tenho pressa, quero ser rei!* — disse Vegard.

— *Preciso de sangue humano. Sangue jovem! Podes me arrumar?* — disse a feiticeira ajeitando o véu que adornava seus longos cabelos.

*O jovem ficou pensativo por uns instantes e respondeu.* — *Tenho duas irmãs, Rona e Trine. São meninas e humanas, o sangue deve lhe servir.*

— *Irmãs? Pretendes trocá-las pelo trono?*

— *Sim. Troco! Serei o rei!*

— *Quem tem um irmão como tu, não precisa de inimigos* — comentou Gullveig e gargalhou. — *Tudo bem! Então vamos fazer o acordo.*

— *Agora!* — o jovem exigiu.

— *Calma rapaz!* — E conversaram...

*Vegard retornou bem tarde. Ao chegar deparou-se com a mãe na porta da casa dos avós. Eles a haviam chamado. Estavam preocupados, pois o jovem dormira fora na noite anterior.*

— *Onde você estava, filho? O que aconteceu? Suas pernas estão machucadas!* — Lys questionou tentando tocá-lo.

— Não foi nada, mãe. Eu estou muito bem! — ele disse e deu de ombros.

— Mas onde você dormiu? — ela insistiu.

— Na floresta. Onde mais eu poderia ter dormido? — o jovem respondeu com ironia.

— Oh, meu filho, não precisa falar assim. Estávamos preocupados com você — lembrou-lhe e o abraçou.

— Está bem. Eu me perdi enquanto procurava pedras e resolvi dormir por lá e esperar o dia amanhecer. Demorei a encontrar o caminho de volta. Por isso apareci só agora — Vegard mentia.

— Sua avó preparou o lanche. Entre e vá se alimentar — disse a mãe. — Volto amanhã. Dê boa noite a seus avós, por mim. — Despediu-se beijando o jovem.

Lys estava tranquila, porém sentira desconforto e tristeza ao abraçar e beijar o filho. Ela não entendeu o motivo da estranha sensação.

Do outro lado do pântano, Nienna tentava terminar o sexto matrimônio. A rainha estava arrasada e furiosa. Seu reino estava destruído e falido, graças à libertinagem e ganância do marido.

A comunidade elfa se rebelara. Muitas famílias haviam fugido e as que ficaram não mais atendiam às ordens da soberana. O palácio se transformara num pardieiro.

Arafin, Merena e Krabbe tentavam ajudar, no entanto, a boa vontade dos jovens e da aranha não era suficiente para reestruturar a vida da mãe e resolver todos os problemas do reino.

Ao anoitecer, Nienna e o marido saíram para um passeio. Krabbe, atenta, achou conveniente segui-los. E assim fez. Assistiu o último ato tresloucado da rainha. Estarrecida, a aranha retornou ao palácio e contou aos

*amigos o que presenciara: "Vossa mãe e o marido saíram na direção do pântano, de mãos dadas. Ao chegarem próximos à margem, sentaram na relva. Abraçaram-se, beijaram-se e se amaram... Pareciam estar adormecidos, de súbito, Nienna pulou sobre o homem e enfiou uma estaca num de seus olhos, em seguida no outro. Foi horrível! O infeliz urrou! Desesperado, ele tentava levantar-se. O sangue jorrava dos dois buracos. A rainha então se afastou, chamou por Karr e lhe ofereceu o marido. A serpente aceitou e guiada pelo faro, rapidamente abocanhou o homem, vivo. Ele se debatia tentando escapar. Tive pena dele... Nienna cantava e dançava. Estava fora de si; ela rodava, pulava... Até que se desequilibrou e caiu no pântano. Corri até ela... Tentei socorrê-la, mas ela já estava afundando. A rainha me olhou, sorriu e sumiu no lodo. Em seguida a serpente mergulhou atrás dela..."*

*— Sinto muito, não consegui salvar vossa mãe — lamentou a aranha. — Foi triste o seu fim...*

*Arafin e Merena se abraçaram e choraram juntos.*

*Nesse dia, o reinado e a vingança da malévola rainha Nienna chegou ao fim. Os filhos assumiram o reino e tentavam reconstruí-lo.*

*O tempo passava...*

*O comportamento de Vegard mudara. Mostrava-se cordial e procurava a companhia dos irmãos. Todos percebiam a mudança.*

*Na verdade, o jovem fingia para ganhar a confiança da família e enfim realizar o acordo com a feiticeira.*

*Ele, no entanto, ficara muito intrigado e curioso com o pedido de Gullveig.*

*— Por que aquela bruxa precisa de sangue? — ele*

*questionava consigo. — Será que lhe dá poderes? Vou provar para saber o que acontece.*

*Foi para o bosque e capturou um coelhinho distraído. Sem piedade, rasgou seu peito com os dentes e lhe chupou o sangue quente. Esperou...*

*— Que droga, não sinto nada diferente. Porcaria de coelho, não serviu para nada.*

*Mas antes de atirá-lo longe, teve uma sórdida ideia. E voltou para casa com o animalzinho morto.*

*— Hei crianças, vejam o que Skadi, a deusa da caça, me deu de presente — disse-lhes mostrando o coelhinho morto e ensanguentado.*

*Os irmãos gritaram de horror! Correram à procura da mãe. Hammer ouvira os gritos e foi ver o que havia acontecido. Ao se deparar com Vegard rindo e chacoalhando o animalzinho, exclamou.*

*— Enlouqueceu de vez? Você passou dos limites! O que pretende com essa maldade?*

*— Eu não fiz nada... — ele disse com ironia. — Gagnei esse bicho morto de Skadi. Veja, não é um presente lindo? — E balançava o coelho diante dos olhos do irmão.*

*— É mentira! Você é um mentiroso! Jamais a deusa da caça faria tal coisa — Hammer replicou com autoridade, enquanto tirava o coelho das mãos do irmão. — Vou enterrar o animalzinho. E tenha certeza, você será castigado!*

*Vegard cuspiu nele. A saliva sanguinolenta sujou-lhe as roupas. — Bem feito, Hammer. Seu imbecil! — ele gritou, gargalhou e correu para a floresta.*

*Lys chegou em seguida com os filhos menores.*

*— Onde está Vegard? Chame-o aqui, preciso ter uma conversa muito séria com ele.*



— *Ele fugiu para o bosque — respondeu Hammer.*  
— *Já enterrei o coelhinho — completou.*

— *Então vou procurá-lo. Alguém quer me ajudar?*  
*As crianças responderam que sim, e saíram atrás da mãe. A coruja Sparing e o alce Gunnar, fiéis guardiões, acompanharam a família.*

*As duas meninas, Rona e Trine, se afastaram dos demais. E logo encontraram Vegard.*

— *Mamãe está procurando você — falaram.*

— *Ah, é? E sabem o que ela quer? — perguntou se aproximando das meninas e lhes dando as mãos.*

— *Não, não sabemos — responderam juntas.*

— *Então vamos indo — disse Vegard conduzindo-as na direção do pântano. — Sabe, vocês duas apareceram na hora certa. Vão me ajudar num negócio muito importante — comentou em voz alta esperando ser ouvido pela feiticeira. E caminharam, caminharam...*

— *Está escurecendo — disse Rona. — Podemos andar mais rápido?*

— *Não conheço essa parte da floresta — resmungou Trine. — Acho que estamos perdidos.*

— *Calma! Daqui a pouco chegaremos... — disse o irmão. Ele estava ansioso pelo encontro com Gullveig.*

*As meninas andavam e reclamavam.*

*Lys e os filhos desistiram de procurar por Vegard e retornaram ao castelo. Deram pela falta de Rona e Trine. A rainha se desesperou e voltou para a floresta. A coruja e o alce a seguiram.*

*Não havia luar, a noite estava silenciosa, sombria. O uivo distante de um lobo chamou-lhe a atenção. Ela sentiu um calafrio e angustiou-se. Era um mau presságio. Precisava ser rápida, mas a escuridão não lhe permitia.*

*Sparing passou adiante e voando baixo guiava a rainha. O som dos lobos aumentava, estavam próximos; e logo se depararam com uma clareira.*

*Lys parou, não podia acreditar no que via: Vegard entregando as duas irmãs para a feiticeira.*

*Ela gritou — NÃO!!! — Correu e abraçou as filhas. Gullveig olhou e questionou com sarcasmo.*

*— O que é que essa mulher está fazendo aqui? Vamos acabar logo com isso! Não tenho tempo a perder com despedidas. Dê-me logo as crianças — ela exigiu.*

*— NNÃÃO! — exclamou a rainha agarrando-se às meninas.*

*— Cara senhora, fiz um acordo com seu filho, que será cumprido. Agora! — Virou-se para a matilha e ordenou. — Bebês tirem essa mulher do meu caminho.*

*Os lobos obedeceram e avançaram. Num salto certeiro o alce os atingiu, contudo, eles eram maioria, reviraram cravando os dentes e as garras em Gunnar. A coruja Sparing os atacou e os corvos a enfrentaram. Ela não conseguiu salvar o amigo. Lys aproveitou o momento e fugiu com as filhas.*

*— Vá atrás delas, jovem estúpido — a feiticeira ordenou, mas Vegard não se mexeu. — Vamos, ande!*

*O covarde estava aterrorizado e não obedeceu.*

*Gullveig estava furiosa.*

*— Você cumprirá nosso acordo, com o seu próprio sangue! — exclamou pegando Vegard pelo pescoço. O jovem continuou estático. Ela o chacoalhava.*

*— Não! Não! Ele não te servirá! — afirmou Skadi, que surgiu repentinamente na frente da bruxa. — Tenho contas a acertar com esse jovem. Largue-o, já. E tu desapareças daqui! Afasta-te de Nesbyen! É uma ordem!*

*Gullveig lançou um olhar de desdém à deusa Skadi, hesitou, mas tinha consciência de sua inferioridade perante os deuses. E logo sumiu no breu da noite, seguida por sua matilha e os corvos.*

*— Ohh... Muito obrigado por me salvar! — Vegard agradeceu ajoelhando-se aos pés de Skadi.*

*— Cala a boca! — replicou a deusa. — Vá imediatamente ajudar tua mãe, que correu com tuas irmãs na direção do pântano.*

*O jovem fingiu obedecer, saiu cantarolando e andando bem devagar. E chegou tarde demais...*

*Karr já havia capturado Trine e enrodilhava-se no corpo frágil da menina. A rainha lutava, bravamente, fincando as unhas, que nesse momento mais pareciam garras, na pele da serpente. A coruja protegia a pequena Rona. Enfim, a mãe conseguiu salvar Trine. No entanto, Karr não desistira, avançou sobre Lys e a picou. Ela caiu, o veneno era letal. Rona e Trine correram e abraçaram a mãe, clamavam por ela, que não respondia mais.*

*Vegard assistia de longe quando a deusa Skadi surgiu novamente.*

*— Ofereci a ti a chance de te retratares. Poderias ter salvo tua mãe, entretanto, não o fizeste — disse pegando o jovem pelos cabelos, e o arrastou até a margem do pântano.*

*Em seguida, chamou Sparing e ordenou.*

*— Leve as duas meninas de volta ao castelo! — A coruja obedeceu prontamente, envolveu-as com suas imensas asas brancas e voou.*

*Skadi ergueu Vegard e encarando-o, continuou.*

*—Tu me caluniaste, lembra-te do coelhinho? Eu não mato ou presenteio caças. Tua hora é chegada, humano*

*desprezível. Karr! Karr! Trouxe-te um agrado. Pega!*

*A serpente emergiu do lodo, mostrou as presas e abocanhou o jovem que gritava alucinado pedindo clemência. Quando o corpo de Vegard chegou ao estômago de Karr virou enxofre. Ela soltou um sibilo agudo e ensurdecedor que ecoou pela floresta.*

*Em seguida... Explodiu! Os fragmentos da serpente voaram para todos os lados e atingiram o solo como brasas. Imediatamente, o pântano secou.*

*A deusa Skadi ajoelhou-se ao lado da rainha.*

*— Lys, tu foste a humana escolhida pelos deuses para trazer amor e vida à floresta de Nesbyen e continuarás tua missão! Concederás prosperidade e cura através de tuas águas. Faça-te, agora, uma fonte límpida e milagrosa — decretou tocando a face serena da rainha.*

*Nesse momento, um clarão irrompeu do solo, Lys foi envolvida por um redemoinho brilhante que ao girar iluminou toda a clareira. Subitamente, cristalizou-se e uma magnífica fonte surgiu. A água jorrou e ocupou o leito deixado pelo pântano. Um arco-íris enfeitou o céu e a natureza festejou a nascente.*

*A vida na floresta também seguiu seu curso...*

*Os dois reinos foram unidos. Hammer casou-se com Merena e foi aclamado o rei de Nesbyen. O príncipe Arafín casou-se com Magna. Os habitantes da região, elfos e humanos, viveram felizes e em paz.*

*Lys é uma fonte encantada. A coruja Sparing, fiel guardiã, está sempre por perto.*

*FIM*

*Lorin Griegn*

**F**era madrugada quando terminei a leitura.  
Não sentira o tempo passar.

— Mas que estranha coincidência... Nesta história citei a Baronesa Gerda, o castelo e contei a vida de Lys, amiga de Mildri. Como pude? Se eu nem sabia da existência de Brienstad — questionei-me enquanto guardava o caderno em minha bolsa. — Voltarei ao castelo, pois com certeza as paredes têm alguma resposta — decidi. Fui deitar, estava inquieta. Demorei para pegar no sono.

Acordei quase ao meio-dia, e cuidei das tarefas rotineiras — alimentar a gatinha, juntar a roupa para levar à lavanderia, desligar o aquecedor, separar o lixo para a coleta, arrumar a casa, ver a correspondência na caixa do correio, ler os e-mails e respondê-los. Milla me escreveu, avisando que já estava hospedada e bem.

Eu não estava bem. Sentia-me ansiosa, o velho caderno me deixara perturbada. Migucha parecia pressentir meu desconforto e rodeava minhas pernas sem parar.

— O que foi gatinha? Está agitada. — Ela miou e saiu correndo. Fui atrás, encontrei-a na porta de entrada. — Está me avisando que tenho um compromisso? — Ela miou. — Sim, você está certa! — Troquei de roupa e saí.

A alameda que levava até o castelo de Brienstad estava exuberante, os pinheiros e abetos estavam viçosos e verdes; algumas sorveiras dispersas nas calçadas exibiam, orgulhosas, suas rubras frutinhas, que reluziam sob os tímidos raios do sol na primavera. O céu era de um azul intenso, nuvens de algodão, sob a regência da brisa, bailavam silenciosas.

Estacionei. A empreitada da reforma agitava o local, fui pelos fundos do castelo e entrei na cozinha. Não havia ninguém. A chaleira e a caneca não estavam sobre o fogão e não vi a lata de biscoitos ou a bandeja.

— Bom dia, Lorin! — a parede sussurrou.

— Bom dia!

— Aqui não é um lugar seguro para conversarmos, pode entrar alguém — ela sussurrou novamente.

— Concordo, a sala da torre é melhor, o que acha?

— Pensei o mesmo, vá para lá, mas antes pegue a arca dourada que está no canto do balcão.

Segui a orientação da amiga parede, enrolei a arca em minha echarpe e fui, rapidamente, ao corredor. Ninguém poderia me ver. Como explicaria aquela situação? E subi correndo a escadaria. Cheguei quase sem fôlego na sala do relógio da torre.

— Sente-se e descanse — sugeriu a parede.

— Preciso! Meu coração parece que vai saltar pela boca...

Sentei no chão, próxima da parede e coloquei ao meu lado a arca sobre a echarpe.

— Pode encostar em mim, não vai me machucar, sou dura feito pedra. — disse rindo

— Você está gelada, parede. Aiiii! — Rimos juntas. — Ontem li um conto que escrevi na adolescência — contei tirando o caderno da bolsa. A parede me interrompeu.

— A história de Lys. Acertei?

— O quê? Como pode saber sobre esse conto, se nem eu me lembrava dele? — questionei surpreendida, folheando o caderno.

— Acalme-se, Lorin, logo terá todas as respostas.

— Ah! parede! Estou ficando impaciente — resmunguei, fechei o caderno e o guardei de volta na bolsa. — Essa é a famosa arca inviolável... — comentei mudando o assunto.

— Sim, Lorin, está trancada há séculos, mas logo será aberta. Pegue-a.

— E onde estão as chaves? — perguntei admirando os detalhes da peça. Era de madeira entalhada, linda!

— Nas suas mãos! — ela respondeu.

— Só tenho a arca e mais nada. — Olhei ao redor procurando alguma coisa.

— Você é a chave! — ela exclamou.

— Está me dizendo que eu sou a chave? — inquiri desconfiada. — Não estou entendendo!

— Sim, suas mãos abrirão a arca! — enfatizou e ordenou. — Vamos, abra-a!

— A fechadura está enferrujada. Isto não vai abrir! — argumentei tremendo. Meu coração disparou.

A parede retrucou. — Vai abrir sim, tente!

— Está bem, vou tentar... — respondi indecisa.

Toquei na fechadura, ela brilhou e destravou.

Abri a tampa com cuidado. Dentro da arca um magnífico bracelete repousava ao lado do pergaminho. Não toquei em nada. Não podia. Fiquei paralisada, encantada. Uma aura de paz me envolveu naquele momento, sensações de alegria, tristeza, nostalgia se confundiram dentro de mim, chorei...

Chorei sem controle, não sei por quanto tempo.

— O que está acontecendo comigo?

— Acalme-se, Lorin, você vai compreender tudo...

— Sinto-me tão esquisita — desabafei enquanto enxugava o rosto.

— Entendo, logo se sentirá melhor — a parede me consolou. — Agora, pegue o pergaminho e abra-o!

Obedeci. Retirei-o da caixinha e o desenrolei.

A penumbra da sala não me permitia vê-lo claramente, havia alguns desenhos ou letras... Aproximei-me do relógio, por suas frestas entrava alguma luz e consegui ver algumas runas desenhadas e comecei a ler o que estava escrito... Li uma, duas, três vezes... Eu estava muito confusa.

— Leve o pergaminho, a arca e o bracelete com você, eles lhe pertencem — disse a parede.

Hesitei, mas peguei tudo e saí sem dizer nada. Não me lembro como cheguei em casa.





Madr - Mildri, sua nau mudou de curso, porém o destino lhe espera. Aceite e aprenda com cada lição de vida, você irá avante e à realização de seus objetivos.



Is - Ações congeladas, paciência e sabedoria são chamadas, o momento é de contemplação e preparação para a nova etapa de sua jornada.



Laukaz - Fluidez e limpeza. O mar está sempre em movimento. Abraça a mudança em si, pois é a única verdadeira constante na vida.



Dag - Uma nova aurora com a força do sol. A luz divina irá guiá-la ao crescimento e à visão clara para evitar os perigos. A passagem será bem sucedida.



Reid - A jornada foi longa e árdua ao espírito, mas a roda da vida preparou seu retorno, e enfim o resgate da própria unidade.



Inguz - Conclusão do ciclo. Uma luz brilhou nas trevas do passado, Lorin vive o presente, e terá um futuro de paz e amor com uma união feliz, próspera e eterna.

# 16

**M**igucha lambia meu rosto quando abri os olhos. Estava zozna. Olhei ao redor, e vi sobre a mesinha de centro a arca dourada do castelo.

— Se a arca está aqui, eu não sonhei — disse encarando a gatinha. Ela miou.

Peguei a arca. Abri, tirei o bracelete e coloquei-o no braço. Nesse momento, um clarão abriu-se em minha frente, e nele vi as cenas do naufrágio da embarcação, como num filme. Reconheci o pesadelo que tivera semanas atrás. Contudo, as sensações horríveis de solidão e desespero não me assaltaram novamente. Ao contrário, senti paz e alívio. Um grande alívio.

— Mildri e eu temos alguma ligação — pensei em voz alta. — O pergaminho! Sim é isso! Ele tem a resposta. — Peguei-o. Desenrolei-o e li... Li mais uma vez... E outra.

As runas formavam o nome Mildri, e o texto era uma espécie de profecia. O meu nome estava lá!

A vida de Mildri fora ceifada, contudo, seu espírito esteve salvaguardado para o meu nascimento.

— Eu fui Mildri séculos atrás! — reconheci admirada. — Eu fui Mildri? Sim! Eu fui Mildri!

E naquele instante compreendi. Havia, finalmente, encontrado o início, o fio da meada de minha história.

— Isso explica tudo! Tudo! Inclusive o conto que escrevi na adolescência, Lys era a amiga querida de Mildri. Fantástico!

Fiquei sentada no sofá, estática. Recordei os dias que passei no castelo e as conversas com as paredes. Agora, finalmente, eu havia encontrado as respostas, inclusive, a minha origem.

— Quem diria, Lorin! — exclamei. — Que destino mágico! Inacreditável!

Eu estava perplexa, mas muito feliz.

— A vida é uma caixinha de surpresas ou seria uma arca? — perguntei sorrindo e olhando para Migucha. Ela miou e se aproximou interessada no adorno em meu braço. Cheirou-o e deu umas lambidas.

— Gostou do bracelete? — questionei e respondi. — Foi um presente. Ganhei da baronesa Gerda Brienstad, minha mãe na outra vida.

Já era noite, alimentei a gatinha, tomei uma sopa de legumes e fui deitar. Logo adormeci.

Bem... Guardei em segredo a aventura do castelo.

Foi uma história surreal, mas vivi momentos reais. Descobri minha origem e amadureci com os ensinamentos dados por minhas amigas, as sábias paredes. Assim que for possível, lançarei meu livro: "Brienstad e eu".

Passado um mês, recebi uma correspondência da Prefeitura local convidando-me para dirigir o Centro de Convenções do castelo de Brienstad. Aceitei o convite.

Partilhei a novidade com meus amigos, Milla, Alex e Fred. Jantamos juntos para comemorar.

Contei as horas, os minutos, ansiosa para voltar ao castelo. E o dia tão aguardado chegou...

Acordei cedo, me preparei, alimentei Migucha, tomei o café e segui para o novo trabalho.

O outono havia chegado. Estava frio. As folhas das árvores em tons de amarelo, laranja e vermelho caíam lentamente formando no chão um tapete multicolor. É um tempo de preparação — a folhagem desfalecida protegerá o solo no inverno, e o alimentará para a vida renascer na primavera.

Estacionei o carro e caminhei...

Fui recebida, na porta do saguão, pelo arquiteto responsável pela reforma do castelo. Ele fora encarregado de me apresentar o imóvel e suas dependências.

— Bom dia! — disse sorrindo, sem poder desviar o olhar daquele rosto lindo, másculo. Daquele sorriso meigo, encantador e daqueles olhos azuis fascinantes...

— Bom dia, Lorin! Acertei seu nome? — ele disse e me estendeu a mão. — Seja bem-vinda ao seu castelo.

Hoje você assume a direção administrativa do Centro de Convenções, certo?

— Sim! Obrigada! — agradei demorando para soltar a mão do anfitrião.

— Venha, vou lhe mostrar as instalações.

Andamos juntos pelo castelo, visitando todos os cômodos. Alguns quartos foram preservados com a mobília original e outros foram adaptados para reuniões, conferências e serviço administrativo. Minha sala é ao lado da biblioteca.

— Estamos conversando há horas, e não sei o seu nome — disse admirando aquele olhar azul celeste.

— David. — Ele sorriu, e seus olhos encontraram os meus. Por alguns segundos, ficamos hipnotizados. Senti meu corpo flutuar. Meu coração acelerou. Eu estava me apaixonando.

—Você vai trabalhar aqui, também? — perguntei disfarçando minha emoção.

— Sim, mas fora do castelo. Reformamos um antigo celeiro, lá será o meu escritório. Posso lhe falar sobre o projeto. Quer almoçar comigo?

— Claro, David. Quero sim!

Almoçamos juntos no dia seguinte também, no outro tomamos café e assim fomos nos conhecendo.

Depois de dois meses, começamos a namorar e nos casamos na primavera do ano seguinte.

A prefeitura nos cedeu o saguão de entrada do castelo para a realização da cerimônia. Meus colegas Alex e Fred cuidaram da decoração; e Milla me presenteou com o vestido de noiva.

O excelso astro rei brilhava no infinito azul celeste. Dezenas de dentes-de-leão salpicavam de amarelo o verde gramado do jardim do castelo de Brienstad. A natureza nos brindou!

A festa foi linda. Um dia inesquecível!

Migucha gosta de David, e ele dela. Companheira fiel está sempre ao nosso lado.

No outono, mudamos para uma casa maior, pois dentro de alguns meses nossa família vai aumentar. Estou grávida, é uma menina.

Já escolhi seu nome — LYS.

As paredes do castelo silenciaram. Mas sei que elas me ouvem.

*Dinamarquês, LYZ = LUZ, Português.*

*contato com a autora:*  
dmqbarros@gmail.com

*Produzido no Brasil em junho 2019*  
**GRUPO EDITORIAL CELEIRO DE ESCRITORES**